

DOSSIER

Perspectivas sobre isolamento, contato e resistência dos povos Tupi na Amazônia brasileira - Parte II

Perspectives on isolation, contact and resistance of Tupi peoples in the Brazilian Amazon - Part II

organizado por/

Daniel Cangussu

Laura Furquim

Leonardo Viana Braga



Foto: Daniel Cangussu, 2017

Clóvis Guajajara aponta para tirada de mel de povo isolado awá-guajá". Terra Indígena Arariboia.

Isolados da Massaco, Akuntsú e Kanoé de Recente Contato e Indígena (do buraco) Tanaru

Entrevista com Altair Algayer, sertanista e indigenista, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé – Rondônia - RO

Altair José Algayer
Funai
ORCID: 0000-0002-8267-7650

Antenor Vaz¹
Consultor Internacional PIIRC
ORCID: 0009-0007-8836-1941

Letícia de Souza Aquino²
Lalli/UNB/SEEDF
ORCID: 0009-0008-2216-7449

Entrevista realizada em: 02/04/2023

Local: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas/UNB

DOI: 10.26512/rbla.v15i1.51983

Resumo

A presente entrevista realizada por Antenor Vaz relata de maneira contundente parte da biografia do sertanista e indigenista, Altair Algayer, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé (FPE-GPE), desde 2006, localizada no oeste do Estado de Rondônia, responsável pela coordenação de duas Bases de Proteção Etnoambiental (BAPE): Massaco³ e Omerê e da Terra Indígena Tanaru⁴. Essa Frente é responsável pela proteção de 5 registros de povos indígenas isolados e 2 de povos indígenas de recente contato, Kanoé e Akuntsú, habitantes da TI Omerê; possui 24 servidores, sendo a maioria indígenas, sendo responsável por uma área total de pouco mais de 3 milhões de hectares. Faz-se importante considerar que as FPEs são

1 Consultor internacional para metodologias e políticas de proteção para Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato (PIIRC). Ativista fundador do Canal AV ISOLADOS: <https://www.youtube.com/@antenorvaz>.

2 Doutoranda em Linguística PPGL-UNB. Professora efetiva SEEDF. E-mail: professoraleticiaaquino@gmail.com

3 A BAPE Massaco é responsável pela proteção dos indígenas da Terra Indígena Massaco, primeira Terra Indígena do Brasil a ser HOMOLOGADA, REG CRI E SPU, em 1998, para usufruto exclusivo de povos indígenas isolados.

4 TI Tanaru, onde vivia o indígena isolado do Tanaru, que ficou conhecido como ‘índio do buraco’ e foi encontrado morto no dia 23 de agosto de 2022.

unidades descentralizadas que têm como objetivo implementar, em campo, o sistema de proteção dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato (PIIRC) e defesa de seus territórios. Atualmente existem 11 FPEs em todo o Brasil, sendo 10 situadas na região amazônica e 1 no Maranhão.

Imagem 1 - Indigenista Altair Algayer a caminho da TI Massaco em dezembro de 2022.



Foto: Amanda Villa. Acervo Funai.

Antenor Vaz: Altair, poderia relatar um pouco sobre você: onde nasceu? Como você chegou em Rondônia? Como começou a trabalhar com a questão indígena?

Altair Algayer: Eu sou nascido em Pinhalzinho, no estado de Santa Catarina; não me lembro nem da cidade onde eu nasci, me lembro da cidade vizinha, Modelo, onde eu fui crescendo e estudei. Venho de uma família produtora rural, do interior do Paraná, meu pai não tinha terra, trabalhava de meeiro, assim que chama, né? Terra dos outros; ele sempre tinha esse sonho de ter terra. Na década de 1980, surgiu uma grande influência, o pessoal do Sul vindo para o Norte atrás dessa terra; tinha um programa, uma política do estado, eu tinha 15 para 16 anos, meu pai chegou um dia em casa e falou: “o pessoal está indo lá”. A gente ainda tinha lavoura para colher e ele dizia: “você já vai com o pessoal na frente, tem um sítio lá de uns conhecidos da gente, você vai lá pro sítio deles e a gente vai acabar de colher aqui, depois a gente vai atrás”. Foi em abril de 1985, eu me lembro que eu embarquei

lá no dia primeiro de abril, dia da mentira, assim me lembro dessa data. Então eu vim para Rondônia e meus pais, 3 ou 4 meses depois, vieram com a mudança. Eu sou o mais velho de 6 filhos deles. A gente foi para esse sítio desses conhecidos do meu pai e quando eu cheguei em Rondônia, tinha um escritório do INCRA, em Alta Floresta D'Oeste, para distribuição de terra, mas não estavam distribuindo terras, onde as pessoas faziam cadastro, as pessoas chegavam e tinha, mas na região de Alta Floresta D'Oeste, onde eu fui parar, já não tinha mais essa terra do oeste de Rondônia; tinha em Machadinho, outros lugares que estavam começando a abrir, e aí tinha outro problema que o funcionário do INCRA perguntou a minha idade e falou: “de fato, gente menor de 18 anos não se inscreve”, eu queria até inscrever o nome do meu pai na lista, porque as pessoas se inscreviam, mas não aceitaram.

Antenor Vaz: Só para a gente ter o registro, como é o nome do seu pai e da sua mãe?

Altair Algayer: Meu pai é Alfredo Luciano Algayer e a minha mãe é Ana Maria Algayer.

Antenor Vaz: Você estava sozinho ainda?

Altair Algayer: Não, em final de julho para agosto meu pai chegou, eu já tinha feito uma derrubada lá nesse sítio, porque o dono do sítio disse: “enquanto vocês não tiverem terra, vocês podem ficar aqui”, porque ele não tinha condições de morar lá, ele tinha comprado aquelas terras um ano antes, ele tinha dois lotes. A gente ficou nesse sítio que era indo para a Terra Indígena Rio Branco; hoje a gente passa na frente desse sítio onde ficamos lá um ano, e foi malária para caramba.

Antenor Vaz: Lotes de quanto, mais ou menos?

Altair Algayer: Era 21 alqueires cada lote, 200 hectares. Depois de um ano ali, malária para caramba, eu tinha pegado 8 malárias em 1 ano. A gente fez a roça, meus pais ficaram lá, minha irmã caçula tinha 2 anos, pequenininha, eu me lembro de ela estar chorando por causa dos marimbondos que ficavam ferroando ela e mosquitos; a gente ficou embaixo de lona até fazer a casa, aquela coisa que acho que todo mundo que chegou do Sul naquela época fazia; muita malária, o meu pai foi o último a pegar malária; já no final desse ano, a gente estava colhendo feijão, milho e outros alimentos, e a gente já tinha passado várias malárias, ele ainda não tinha pegado e quando ele pegou a malária, ele ficou muito ruim, ele veio para Alta Floresta, pegou uma carona lá, passou uns quatro ou cinco dias,

ele voltou e disse: “já aluguei casa lá em Alta Floresta, nós vamos morar na cidade e eu não vou enterrar a gente aqui no mato não.”. Porque ele viu que era muito ruim a malária, e ele desistiu de terra, isso já em 1986, Alta Floresta D’Oeste emancipou em 86 e estavam construindo a cidade, prefeitura, colégio, aquelas coisas todas, tinha muitas obras do Estado; meu pai era carpinteiro, tinha essa prática e começou a trabalhar na cidade, minha irmã numa farmácia e minha mãe no hospital e, assim, todo mundo foi procurando um emprego, eu fui trabalhar numa madeireira, porque era uma das únicas coisas que tinha bastante demanda por serviço, era uma madeireira pequena; seu Raulino trabalhava com restos, chamava de aproveitamento de madeira, então, a gente ia no mato, onde as madeireiras grandes tinham passado, naquele tempo tinha muita madeira de exportação, pegavam o tronco grosso, o galho daquela árvore toda ficava, porque ali já não era madeira de exportação, porque o galho sempre dá mais torcido, uma árvore grossa, se tivesse um oco no meio, eles largavam, eles queriam levar só o filé, que chamavam, então ficava muita madeira no mato, e ele botou nessa madeireira um maquinário menor e a gente ia atrás catando galho, o que eles tinham largado a gente ia levando, chamava aproveitamento, mas havia madeiras nobres no meio que acabavam ficando. A madeireira ficou três anos na cidade, só que aí esse processo também já não estava sendo viável porque o mogno, o que mais se explorava, tem um prazo, a gente, no final, já estava indo e já estava apodrecendo aquilo lá, as madeireiras mais atuais, também para exportação pararam, aí em 1988-89, as madeireiras grandes passaram a levar tudo, você chegava lá e aquela galhada também eles já tinham levado os galhos porque a madeira já estava difícil; então ele comprou uma fazenda mais distante, uma área de terra onde tinha madeira, e disse: “vou levar essa serraria lá para a fazenda e vou explorar a madeira da fazenda”. Foi quando ele comprou na linha 95 a uns 10 quilômetros da Terra Indígena Massaco hoje; ali que eu conheci o pessoal da Funai, nós fomos para lá no final de 1988 e permanecemos 1989, 90, 91, pouco mais de três anos lá.

Antenor Vaz: Como foi essa convivência ali na madeireira, lá naquela linha 95?

Altair Algayer: A fazenda foge um pouco do padrão de fazenda, não era nem uma fazenda e também não era nem uma madeireira, eram as duas coisas juntas, ele não tinha muito recurso para investir, e não era coisa dele fazer isso, tinha 4 filhos homens, era uma família grande, e 6 mulheres, ele tinha 10 filhos e os 4 filhos homens trabalhavam com ele, eu era o único

funcionário fixo deles ali. No início começou com a história da madeira, mas também havia uma dificuldade, era distante 70 quilômetros de Alta Floresta D'Oeste, as estradas eram ruins, então tinha um período do ano, quando começava a chover, em novembro já, as estradas não permitiam mais sair madeira, caminhão às vezes até saía, mas era arrastando com trator, acabando o resto da estrada, levava assim uma semana para chegar, então, eles ficavam de novembro a junho sem vender madeira, não tinha essa renda contínua, então, eles tinham essa renda de junho até outubro com a madeira. E aí, no período das águas, a gente ficava lá dentro, também não dava para trabalhar muito, porque chovia, tirar madeira de dentro do mato dava trabalho, muitas vezes a gente ficava só naquele processo de derrubar, cortar, mas não tirava com trator, esperava secar a mata para poder tirar; no final, já tinha um pouco de gado, fez um pequeno desmatamento lá; ele também tinha uma visão muito honesta da parte dele, que naquele tempo começava a se pensar em projetos de plano de manejo, eu me lembro que nós passamos três meses fazendo um plano de manejo, pegamos uma parte da área, a gente nem sabia como é que fazia aquilo, mas tinha uma noção que tinha que contar todas as árvores dentro daquele plano de manejo, fizemos uns croquis, numa folha branca mesmo, cortando os talhões da mata para ele conseguir as guias para fazer isso legalmente, e no final das contas, os caras do Ibama ficavam extorquindo para liberar aquilo lá, nem faziam vistoria, iam lá e aprovavam de imediato, dependendo do pagamento, se não pagasse, não saía, enquanto outros, tinha lá, isso é claro para todo mundo, tinha muitas madeireiras que tinham um recurso mensal para os fiscais do órgão para fazer funcionar aquilo, para aprovar, para eles poderem trabalhar; eu me lembro que nós ficamos uma vez quase dois meses com um monte de madeira no pátio e não tinham liberado, e ele não serrava, o cara ainda ameaçava, se você serrar essa madeira e botar na estrada sem guia você vai ser multado, e eles iam multar mesmo, e ele em cima até que conseguiu aprovar, enfim, ele tinha isso de querer fazer as coisas certas, mas naquele tempo as coisas funcionavam nas linhas tortas mesmo, era de praxe. Ali era a entrada da Reserva Biológica do Guaporé (REBIO Guaporé), a linha 95 entrava longe para dentro da REBIO e por onde saía muita madeira, eram caminhões e mais caminhões, dia e noite saindo. Ele tinha uma serraria ali na entrada, uma alternativa era vender as guias ali porque eles saíam de lá de dentro, os invasores falavam: “aprova esse seu plano de manejo com a maior quantidade de madeira que existe e você vende as guias para a gente” porque eles saíam de lá, a partir dali poderia fazer parte do plano de manejo

dele e eles ofereciam muita grana, outros vinham: “nós vamos trazer as madeiras aqui em tora e você serra e leva serrada, porque diminui um pouco o volume”, e chegavam a oferecer era pela metade, depois eles davam uma porcentagem até maior para ele serrar, e ele sempre foi muito taxativo com esse pessoal, eu me lembro de ele falar: “se você vier de lá de dentro com um caminhão, nem para aqui na minha frente, se você parar, para lá na estrada, não entra no pátio com uma madeira lá de dentro da Reserva”. Foram três anos assim, com atividade intensa ali de madeira lá de dentro e ele não serrou uma tábua de madeira lá de dentro e nem a gente chegou a conhecer a Reserva, todo mundo entrava lá dentro e eu fui conhecer a Reserva, o limite dela, depois que eu entrei na Funai; nem para conhecer por curiosidade.

Antenor Vaz: E nessa serraria você trabalhou quantos anos?

Altair Algayer: Eu trabalhei três anos na cidade e os outros três anos lá dentro na fazenda, foram seis anos com ele, foi o único patrão assim que eu tive antes da Funai.

Antenor Vaz: E como é que apareceu a Funai nessa história?

Altair Algayer: A Funai aparece quando a gente estava nessa fazenda, porque era a boca da estrada para a REBIO Guaporé, e ali a gente tinha a madeireira, e lá era no meio do mato e a gente acabava tendo vários equipamentos ali, solda, compressor de ar e várias coisas, e todo mundo que passava ali parava para deixar coisa, a partir dali ia de trator, a cavalo, a pé ou de carro, às vezes trazia alguma coisa, e no caso, o pessoal da Funai, a fiscalização também parava muito ali, teve muita pressão ali em cima da fiscalização por causa da invasão, então muita gente achava que a madeireira estava ali por ser um ponto estratégico, que estava atendendo o pessoal lá dentro, então todas as vigilâncias, as fiscalizações, o pessoal vinha ali, e os documentos da serraria da fazenda estavam todos sempre prontos porque tinha que estar mostrando para o pessoal para provar que ali era uma atividade legal da fazenda, e nesse processo eu me lembro do Ari⁵, do Rogério, você logo depois apareceu, eu não me lembro do Assis que tinha vindo antes, eu acho que ele não parou lá, mas conheci ele depois quando você já estava junto com ele, mas me lembro muito bem do Ari quando ele tirou uma urna funerária ali na 105, não sei se você lembra disso, então, a partir desse ponto, ali também virou um pouco um ponto das fiscalizações e da Funai, e por isso o Antenor e o Carlinhos acabavam sempre vindo ali e a

5 Ariovaldo José dos Santos, sertanista e indigenista aposentado da FUNAI.

gente foi criando esse laço com eles, com vocês né?

Antenor Vaz: Porque assim, a linha 95 foi o principal acesso que se teve para entrar lá dentro da REBIO Guaporé e lá a gente montou o acampamento mais avançado da Frente e nesse acampamento a gente ficou, essa história toda está relatada pelo Rieli⁶, porque foi o período que o Rieli trabalhou também conosco; então eles (a serraria do Raulino) ficavam meio que numa curva, indo em frente era a linha 95 e seguindo à esquerda era a estrada para Izidrolândia⁷, e foi exatamente por essa linha 95 que a gente primeiro montou o acampamento avançado, depois a gente recuou para o Igarapé da Bica, ficamos um bom período nesse igarapé, e depois saímos e viemos para um sítio na casa de um amigo do Rieli, não me lembro mais o nome dele, onde ficamos uns quatro ou cinco meses, foi quando se localizou onde é a Base Massaco hoje. Essa fazenda do Raulino, onde tinha essa serraria, era um ponto de apoio, porque se a gente precisava de uma solda, suspender o carro para fazer um conserto, consertar pneu, essas coisas todas, era lá, e acabamos estabelecendo uma relação honesta com o Raulino e uma das vezes ele perguntou se não tinha em algum local a possibilidade de um dos filhos dele trabalhar lá, até que chegou um momento que a gente falou com ele e ele encaminhou Nélio, um dos filhos dele, quem foi trabalhar com a gente, passou uns quatro ou cinco meses, mas não se adaptou muito bem e então abriu essa vaga e foi quando a gente já estava de olho em Altair, porque Altair era um cara que dominava a parte de mato e de mecânica de carro, então uma vez o Carlinho já tinha conversado um pouco com o Altair e ele veio me sugerir o nome dele, eu falei: “olha, eu fico um pouco constrangido de convidar o Altair para vir trabalhar com a gente, porque ele era como se fosse o braço direito do seu Raulino”, ele disse: “não, mas o Altair disse que isso não é problema não”; então eu tive uma conversa em separado com o seu Raulino e ele disse: “não, o Altair tem que procurar o rumo dele e tal”; até que a gente convidou você. Aí como foi isso?

Altair Algayer: Coincidiu porque o Raulino com aquela situação toda, foi cada vez agravando mais a questão financeira e os dois filhos mais velhos já eram casados dos quatro homens que estavam lá, eles não conseguiram convencer o velho de investir dinheiro, porque para investir dinheiro tinha que fazer empréstimo, comprar caminhão novo, comprar trator melhor,

6 Entrevista com Rieli Franciscato, sertanista e indigenista, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Uru-Eu-Wau-Wau, disponível no v. 8 n. 2 (2016) desta revista.

7 O distrito de Izidrolândia está vinculado ao município Alta Floresta D'Oeste localizado em Rondônia - RO.

então eles tinham essa visão de que tinham que investir para ampliar e o velho muito pé no chão, disse: “não, não vou fazer isso, não vou fazer dívida”, então os dois filhos mais velhos saíram da sociedade porque não estava dando lucro para eles que já tinham família e até foram embora de Rondônia, alguns viraram gerente de fazenda no Mato Grosso, ainda são até hoje, outro está lá no Paraná; com a saída dos filhos, o Raulino optou por vender essa serraria, se candidatou a vereador e perdeu também, ele gastou muito dinheiro também na campanha eleitoral, os dois mais novos, o Nélio foi lá para Funai e o outro ficou lá sozinho que era o caçula deles que tinha a minha idade, e eu me lembro do sr. Raulino dizer que só não tinha vendido a fazenda porque queria conversar comigo para saber se eu ainda tinha interesse em continuar trabalhando na fazenda com ele, pois os filhos dele não estavam mais lá para ajudar a cuidar da fazenda e caso eu não aceitasse, ele venderia tudo, ele já tinha vendido a serraria, caminhão, trator, aquelas coisas todas ele já tinha vendido. Então eu já tinha conversado com o Carlinhos que havia sinalizado que tinha conversado contigo, afirmando ter vaga lá de curto prazo; o Antenor também não tinha recurso, ele disse: “são dois meses” e o Nélio ainda estava lá, daí eu cheguei, um mês depois ele saiu, logo em seguida. Antenor disse: “ó, é curto prazo”, eu disse: “pode ser curto prazo, eu vou para lá!”, porque na minha cabeça quem trabalhava na Funai era uma pessoa que era estudada, tinha feito curso para aquilo, e conversando com o Carlinhos quem conta a história dele, que era seringueiro, ribeirinho em Ji-paraná, eu soube que não precisava de nada daquilo, Carlinhos disse: “o seu perfil encaixa, é o mesmo do meu, você sabe andar no mato, você é do mato”, mas na minha cabeça era outro perfil; quando eu falei com seu Raulino: “estou com ideia de trabalhar lá na Funai, eu vou para lá.”, ele diz: “ó, se você tiver a vaga lá já garantida, vai para lá, não fica aqui porque também não tenho garantia de quanto tempo eu vou segurar a fazenda”; e ele vendeu logo em seguida, as próprias pessoas compraram a seringueira e logo compraram a fazenda, foi quando eu fui lá para a Base Massaco, em 1992.

Antenor Vaz: O que é que se passava na sua cabeça sobre o trabalho da Funai?

Altair Algayer: Então, na minha cabeça eu pensava mesmo nos indígenas do pé grande e do arco grande e que era uma coisa muito duvidosa na cabeça de todo mundo e era na minha também: “será que existia mesmo?!” E eu ficava vendo esses caras passando e pensava: “Nossa! Eu queria estar junto! Queria ver mesmo se era ou não era, se esses indígenas existiam mesmo!”

Lembra de um álbum de foto que você tinha e você foi mostrando as fotos? Eu disse: “existe mesmo!”; eu não tinha mais dúvida disso. Tem um fato interessante, porque nessa fazenda do seu Raulino, era grande e era tudo mato, a gente andou, eu andei aquilo tudo e muito junto com o seu Raulino quem perdeu o braço dele bem no meio, então ele só tinha uma mão, e a esquerda ainda, ele sofreu muito com aquilo, porque ele era professor, ele teve que aprender a escrever com a outra, então ele gostava muito de andar no mato, caçar e conhecer e ele tinha uma dificuldade, carregar a espingarda e com a mão esquerda cortar e aquilo estava ainda recente, uns dez anos, ele não tinha muita prática com essa situação dele e ele gostava muito de andar comigo, os filhos dele não gostavam disso, de andar no mato, então ele sempre me chamava e os filhos até ficavam bravos porque me tirava do serviço para andar com ele no mato, caçando, conhecendo, foi quando nós achamos uma coisa que eu e ele ficamos muito encucados com aquilo, nós achamos um lugar limpo debaixo de uma árvore, a gente viu que alguém limpou aquilo e tinha montes de cascos de jabuti quebrados e tinha uma estaca com duas cabeças de porcão enfiadas nela. Quando eu cheguei naquele lugar, eu disse: “uai, andou gente aqui”, aí a gente olhando e se perguntando: “e esses jabutis morreram de quê?”, ele comentando, eu disse: “a onça não comeu esse porco, porque ela não ia pendurar essa cabeça na estaca.”, “é, foi gente, foi gente”. Isso foi logo nos primeiros anos, então, isso estava ali há uns 4 ou 5 anos, aqueles vestígios ali não eram coisa nova, já estavam velhos, mas ainda dava para se tirar várias conclusões ali, aí a gente andou mais um pedaço, tinha a picada do limite que tinha sido aberto há uns 2 ou 3 anos mais ou menos e tinha um velhinho lá que chamavam de Chega-chora e que por causa dele até hoje tem o nome do Igarapé Chega-chora, ele tinha um barraquinho lá, cuidava daquelas terras todas e foi quem fez as divisões dessas terras lá, aí eu disse ao senhor Raulino: “mas para que o Chega-chora comeu tanto jabuti ali? A gente leva o jabuti inteiro embora!”, e ficou eu e ele discutindo aquilo; no dia que você mostrou lá as fotos tinha as cabeças de anta, o porcão na estaca, aquele monte de jabuti com os indígenas, eu achei que ele ia falar contigo, ele não falou e eu também fiquei quieto, e aí depois que você foi embora, eu disse: “seu Raulino, você viu as fotos?”, ele disse: “eu vi.”, eu disse: “você viu a cabeça dos porcos? Lembra daquele lugar?”, seu Raulino falou: “eu lembrei na hora!”, e eu disse: “aquilo é coisa dos indígenas, os indígenas andaram aqui na terra do senhor.”. Eu não sei se um dia ele falou para você, e depois disso, quando eu voltei a trabalhar para a Funai, eu voltei lá na fazenda,

eu disse: “eu vou lá naquele lugar”, era debaixo daquelas árvores paineira, grandona, que dão na beira do campo, não dão muito alto, mas muita copa, só que aquela árvore caiu em cima daquilo e eu não consegui ver, eu teria que ir lá debaixo daquela galhada toda e estava muito recente para se achar algum pedaço, mas havia esses vestígios ali naquela fazenda.

Antenor Vaz: E eu fiquei sabendo disso depois que eu já tinha saído de lá. Acho que foi o Carlinhos ou o próprio Rieli que me falou. Então você foi trabalhar na Massaco e como é que foi a sua chegada lá?

Altair Algayer: Quando eu fui, o Carlinhos já tinha passado que se fazia expedições no mato, que passava dias no mato e que o objetivo era buscar vestígios. Eu cheguei na Base Massaco, o Antenor já estava lá há uns três anos, você entrou em 89, já tinha um monte de relatório e eu acabei lendo aquilo lá, e, assim, parece que eu estava junto com as expedições dos meninos que fizeram com Antenor, e tinha aquelas tabelas já dos vestígios, e aí que fui começar a entender as primeiras expedições, de que não era fazer o contato, o objetivo não era viver com os indígenas. Não é que isso tenha me frustrado, de forma alguma, nunca pensei que eu queria já estar lá convivendo com eles, mas logo percebi que não era dessa forma, e essa curiosidade também não me eximiu de eu avançar, de fazer e entendi logo que não era necessário estar junto com os indígenas, acompanhando eles em todo o tempo, e que mesmo no processo da demarcação, eu ainda não entendia nada no início, como que era todo esse processo para demarcar a terra indígena, mas consegui logo entender que deixava eles lá, se levantavam os vestígios, o que eles fizeram, e que a partir dos vestígios se conseguia ver várias coisas e dá para se ver mesmo; hoje eu tenho uma leitura bem melhor disso tudo, é uma quebrada, mas quebrou isso aqui por quê? Ele passou aqui para ir fazer o quê? Para onde que ele foi? Qual é o interesse desse indivíduo estar passando ali? Não se associava muito, mas a gente sabia que conseguia identificar logo e não tive dificuldade em identificar os vestígios.

Antenor Vaz: Antes de você entrar na Funai, você se relacionava com todo o povo lá daquela região. Como era que esse povo falava? O que eles diziam do trabalho da Funai?

Altair Algayer: Primeiro, assim, virou a casaca, como se a gente estivesse vestindo uma bandeira e aí foi trabalhar na Funai, agora você não é mais dos nossos, não fazia mais parte daquele grupo. Eu perdi muita amizade, não fiz questão nenhuma também de procurar recuperar isso, mas havia essa...

Antenor Vaz: Mas o que o pessoal da região falava?

Altair Algayer: Falavam que ali não tinha indígena, que aquela reserva tinha que ser liberada porque já existia uma reserva biológica e que não era uma terra indígena; porque quando eu cheguei lá, já tinham feito a extrusão, tirado muitos posseiros lá de dentro, e diziam que aquilo lá era o desenvolvimento da região e que por isso tinha que ser liberado, que esse pessoal tinha que ter esse espaço, tinha que ocupar. A visão deles era essa.

Antenor Vaz: Mas os madeireiros que passavam por lá, por seu Raulino, falavam que tinha vestígio de indígena?

Altair Algayer: Nunca eu vi um falando que tinha vestígio de indígena, todos eles negavam, eram unânimes, não sei como eles conseguiam, mas, “não, não vi, não vi”, e a gente sabe muito bem que eles estavam no meio dos indígenas, talvez alguns que passaram de caminhão na estrada possam até não ter visto, mas os pneus furavam; é, pelo caminhão não dava, mas muitos deles furavam pneu, e mesmo com os estrepes ainda falavam que era a Funai que tinha colocado os estrepes; eu escutei várias vezes: “não, isso foi o pessoal da Funai que passou lá”, aí o outro falava: “tinha rastro descalço, eles tiram as botinas e vão descalço.” Lá na serraria chegava o pneu, a gente consertava o pneu de trator, arrancava e olhava aqueles estrepes, mas isso aqui não é nem ferramenta de ferro que amolou isso, eles diziam: “esses caras da Funai sabem fazer tudo, eles apontam com o dente e fazem os estrepes.”, eles sempre chegavam nessa discussão, você não conseguia ter um diálogo lógico da coisa, eles tinham a visão deles e pronto.

Antenor Vaz: Agora, você era um cara que sabia caçar. Você entrava no mato e você sabia encontrar vestígios do bicho para ir matar o bicho, esse conhecimento não era exatamente o conhecimento que a gente queria. Como é que foi essa passagem? Você já se orientava no mato?

Altair Algayer: Me orientava. Não é que eu nunca me perdi de muito tempo, mas a gente já deu várias voltas junto com o seu Raulino, de dar a volta no mato, sair no mesmo lugar e não conseguir entender o que aconteceu porque eu estou aqui. A cabeça estava para sair em um outro lugar, então eu tinha aprendido com o seu Raulino essa noção do Sol, de se orientar, mas uma coisa é andar uma voltinha de caçada de meio dia a um dia e outra é fazer uma expedição igual as que a Funai fazia e segue fazendo, em que são vários dias e tem uma rota muito maior para se fazer.

Antenor Vaz: Ia por um caminho e voltava por outro?

Altair Algayer: É, voltava por outro. Eu sempre tive paixão por cartografia, eu gostava, mas lá na fazenda ninguém mexia com mapa, os

mapas do plano de manejo eram uma carta branca que a gente mesmo traçava e fazia aquilo ali. Então eu comecei a mexer com os mapas, entender o que era, onde era Norte, Sul, as calhas do rio, hidrografia, decorar aquilo tudo, não tive muita dificuldade porque eu já estava no sangue isso de aprender e identificar vestígios no mato, eu tinha essa expertise com bichos e quando começou a aparecer que eu tinha que investigar vestígios humanos, lógico, mudou o tipo de vestígios, mas não tive muita dificuldade de começar a identificar. O Antenor já tinha toda uma expertise e dizia: “olha, quebrada, os indígenas não têm facão então eles quebram onde eles passam”; tem a questão da anta que quebrava, se tiver na dúvida na quebrada, olha, porque a anta usou o dente então vai ficar a marca do dente, a anta come o broto da folha e vai ficar a marca da folha.”, então foi rápido pegar isso.

Antenor Vaz: Os professores do mato mesmo seu foram mais Paulo e Carlinhos.

Altair Algayer: É, Paulo me ajudou muito e Carlinhos também, com eles que foram as primeiras expedições aí por uns dois anos, então eles sempre indo na frente, eu ajudando eles ali e foi dali que comecei.

Antenor Vaz: E essa passagem é difícil de aprender?

Altair Algayer: Não é difícil, para mim não foi difícil. Lembra da primeira vez que eu fui? A primeira expedição foi um fiasco, eu e o Nélio descendo o Consuelo, choveu muito e a gente pegou uma rede, molhou tudo, depois eu, você e o Nélio demos a volta lá no Coronel para pegar o Carlinhos, o Paulo e o Júnior que tinham descido o Sete Galhos, pegaram também toda aquela chuva e nós chegamos lá no Sete Galhos, estava tudo alagado; e você era nosso guia porque nem o Nélio tinha ido lá nem eu, eu estava em um lugar estranho, largamos um carro fora, sempre ficava lá na sede, fomos 12 quilômetros andando, chegamos lá na entrada do mato, passou o Colorado, o baixão ali, chegamos lá no Sete Galhos, aí tudo alagado, nós com água até a cintura segurando a mochila mais alta para não molhar e aí você falava, olha, é do outro lado do rio, lá tem um lugar seco, e eu quase não acreditava, eu dizia: “tá tudo alagado isso aqui”, e você: “nós vamos acampar ali, os meninos vão descer e era o ponto de encontrar com eles três, e, tem que cruzar o rio”; o Nélio, foi naquela expedição que ele desistiu, ele disse: “eu não vou mais para lugar nenhum aqui.”, eu disse: “tem que achar um lugar de cruzar o rio porque ali tinha que nadar para cruzar”; você falava: “é só do outro lado que tem um lugarzinho alto lá que já tinha um acampamento um ano antes e aí lá tem uma ilha de terra um pouco mais alto”, mas não

dava para ver nada, era puro mato e com água, eu fui subindo o Sete Galhos, aí eu vi uma árvore caída por cima da água, eu disse: “lá dá para cruzar!”, eu fui lá ver para cruzar e quando eu fui subir na ponta que ela caiu de lá para cá, foram os primeiros vestígios dos indígenas que eu vi, quando eu fui subir, eu vi que estava limpo para subir, não precisava cortar nada, eu disse: “passou gente aqui já!”, aí eu olhei, tinha uma vara amarrada de cipó, você lembra?! Aí que eu fui olhar para trás, tinha um monte de quebrada no caminho dos indígenas, estava um pouco debaixo da água ali, não dava para ver nada, mas estava ali, os indígenas tinham passado ali, ia usando uma pinguela dos indígenas, aí voltei, chamei você, a gente foi lá, você disse: “agora cruza, vai naquele lugarzinho seco lá, cuidado, tem estrepe!”, aí eu fui olhar, já estava cheio de estrepe lá onde os indígenas já tinham passado, foram os primeiros vestígios.

Antenor Vaz: Quando você chegou já tinha um trabalho desenvolvido, então você entrou nessa equipe e o que avançou, aconteceu o quê?

Altair Algayer: Já tinha um trabalho bem desenvolvido, se tinha ainda naquele momento um pouco voltado à proteção porque já se tinha confirmado a presença dos isolados ali, o Antenor já tinha feito as primeiras expedições e deixado muito claro.

Antenor Vaz: Já havia quantos acampamentos?

Altair Algayer: Havia 36 acampamentos localizados, vocês já tinham visto os indígenas isolados, como está naquele relato do Rieli⁸.

Antenor Vaz: Já se conhecia a malha viária deles.

Altair Algayer: Exato, já se tinha todo um esboço ali.

Antenor Vaz: Naquela época a gente já sabia que eram três grupos, né?

Altair Algayer: É, 3 grupos, você colocava um lá na Serra da Bundinha, um no Tartaruga e outro lá na Serra João Antunes, já tinha toda a malha viária onde eles ocupavam mais, isso já estava bem definido e nos primeiros anos ali se focava muito na proteção porque o pessoal já tinha saído há dois anos, mas havia um movimento muito forte fora, criaram associações dos despejados da REBIO Guaporé, eram outras associações se movimentando para invadir, então foi quando montou a Base da Massaco ali, vocês já tinham montado onde ela é hoje, na linha 105, a equipe ficando direto, na seca tinha aquele acampamento lá no Sete Galhos, onde eu fiquei, em 1992,

⁸ Entrevista com Rieli Franciscato, sertanista e indigenista, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Uru-Eu-Wau-Wau, disponível no v. 8 n. 2 (2016) desta revista.

logo que eu entrei, depois a gente passou o verão todo ali, era uma barreira, mas na verdade era eu e o Paulo, tinha um outro Paulo com uma lona lá, era barreira, mas ela funcionava, o pessoal sabia que tinha, que a Funai estava lá e de toda forma só o nome Funai tá ali, tá olhando, já inibia, as pessoas já evitavam de ir lá e ficavam muito presos na estrutura que a gente tinha e o foco maior era a proteção da REBIO Guaporé que ainda não era terra indígena e dentro desse processo, primeiro na proteção, você já tinha iniciado o processo de demarcação, veio aquela antropóloga Lígia, depois veio a Lara e depois foi a Denise Maldí que deu o laudo final; então teve esse processo meio conturbado, elas não entendendo direito o que era indígena isolado, como é que demarcava, porque para a Funai ainda tinha muito essa questão da presença do indígena, da consulta dos indígenas e ninguém tinha feito um laudo ainda sobre material, somente o material da ocupação, acho que foi um pouco isso as duas primeiras antropólogas e até a demarcação a gente ainda focou muito na proteção, hoje ainda a gente tem muita atividade de proteção, a gente no início deixou um pouco, mas assim mesmo, essa atividade de proteção, a gente ainda tinha as expedições internas no entorno da ocupação maior deles para ver como é que eles estavam lá dentro, então a gente fez várias expedições ali de monitoramento dos isolados.

Antenor Vaz: Agora, como na sua cabeça você começou a entender a lógica dos indígenas? Porque você via vestígio, mas tentava entender aquilo e começava a surgir uma nova maneira da relação com o território. Como que isso foi aparecendo na sua cabeça? Pois, não é entender a lógica da ocupação do território de um fazendeiro, de uma pessoa que cria gado, porque tem uma lógica para criar o gado na fazenda, mas os indígenas têm uma lógica para viver naquele território. Como é que o trabalho que você participou vai ajudando a compreender isso?

Altair Algayer: Antenor, isso demorou, foi em 2008, foram alguns anos depois, um pouco foi, eu fiz expedição de 1992 a 98, em 1998, fiz só expedição, já não trabalhava direto lá, porque apareceu o contato do Omerê, em 1995. Então vou falar da Massaco porque é o que eu consigo entender muito bem hoje, ela demorou para aparecer e em 98 que eu comecei a entender essa lógica do trabalho de monitorar os indígenas, a partir de 2008, a gente voltou a fazer as expedições anuais e em alguns anos chegamos a fazer duas expedições por ano, que tinham sido paradas, a Funai parou ali um processo no meio, na época do Moacir e do Pedro a gente não tem registro dessas atividades.

Antenor Vaz: Você saiu de lá em que ano?

Altair Algayer: Eu tinha saído em 2001 e voltei em 2006, e também não tem registro dessa época, eu sei que o Paulo fez uma expedição a qual não tem registro até hoje e foi a única que foi feita nesses 5 anos.

Antenor Vaz: A expedição você diz lá dentro?

Altair Algayer: Lá dentro, eles entraram lá na Serra da Tartaruga e saíram na Base da TI Massaco, não é muito lá dentro, mas é uma rota boa ali; em 2006, eu voltei, a gente fez expedição em 2006, 2007, mas foi em 2008 que me dei conta, a primeira coisa foi a questão de que a gente sempre entrava lá no Sete Galhos porque era o caminho mais fácil de entrar, pois você entrava ali e com dois dias de caminhada você já estava numa região que eles ocupavam, lá tinha um caminho pelo campo que você ia lá naquela pista velha e de lá já emendava com outros caminhos, então era fácil dali até lá nos campos, depois que você pegava o caminho deles no campo, você andava 25 quilômetros por dia, então com 4 a 5 dias você estava lá no centro da ocupação deles; passou a ser uma rota dessa, em 2009; em 2006, nós fomos, em 2007 e 2008, a gente não entrou lá, em 2009, eu voltei de novo lá, foi quando a gente chegou na beira do Sete Galhos, naquele bendito lugar lá que eu falei agora há pouco, estava lá a placa da Funai toda arreventada de pau, que alguém fez, e eu disse à primeira vista: “uai! Entrou grileiro aqui?!”, logo em seguida a gente tinha visto que eram os isolados que andaram lá querendo arrancar a placa da árvore da Reserva Biológica e não conseguiram arrancá-la, mas estava toda amassada e em volta dela cheio de estrepes, e para fora também tinha estrepe; eu disse, os indígenas estão seguindo a gente, foi a primeira vez, assim, a gente está entrando lá, eles estão vindo atrás da gente. Em 2008, 2009 foi quando se resolveu mudar a rota ali porque eles estavam saindo dentro da fazenda, estava muito frequente a presença dos indígenas lá em cima, um pouco era isso, a gente mudou a rota, hoje a gente entra lá dentro da Massaco sempre partindo da Base ou senão lá da Terra Indígena Rio Branco, em outros extremos, não a partir de uma fazenda ali de um sitiante; lá dentro, hoje a gente começa, assim, a não ficar só no detalhe daqueles vestígios do acampamento, a gente consegue ter uma noção de onde vieram e para onde foram; 2010, 2012, a gente começou a acompanhar aqueles grupos e percebemos as separações, assim, são separados, mas não são, então você vê esses dois grupos andam juntos, eles não estão juntos no mesmo tapiri, um acampa aqui, outro ali, e esses dois grupos fazem um rodízio, aí quando você chega na outra turma,

você vê um outro processo de migração; então os da Massaco, a minha tentativa foi de entender esse movimento deles ali, como é que eles ocupam aquele território, quais são, não sei ao certo, os motivos que levam eles a fazer esse rodízio, mas para mim tá muito claro que é atrás dos recursos naturais, é a caça, o mel e os produtos, então eles têm esse movimento ali, a gente conseguia ver nitidamente isso, esses caras aqui, eles não fazem parte daquele, quando você chegava no tapiri aí eles já tinham uma outra rota, eles foram para lá, aí quando você ia de lá, você via um outro grupo também indo para lá, então tinha uma ligação, mas não que eles são isolados desse outro aqui, tem um momento ali no meio e aquela região onde a Funai se instalou, aquela pista velha, aquela área daquele igarapé, aquele esporão, ali é o meio do furacão que eles andam ali em volta, assim, me parece ali ser o âmago da ocupação, por mais que eles saiam ali, sempre tem um grupinho que vai para lá, tem um grupinho cada mês, 15 dias, ele tá voltando, olhando, monitorando; aquela região onde vocês toparam com eles, ali nas cabeceiras do São Simão, é outro ponto e acaba às vezes eles se misturando de um grupo ficar perto do outro e ter uma ocupação mais efetiva, assim, é possível notar essa presença dos isolados dos dois lados.

Antenor Vaz: Você acha que é possível esse trabalho passar despercebido por eles?

Altair Algayer: Não passa porque a gente volta no outro ano, então onde a gente dormiu tem estrepe, por mais que a gente tente ficar distante deles; em alguns momentos eu acho que passa despercebido, como naquele caso de eu, você, o Rogério e o Joari Tupari, nós vimos um casal no mato, eles foram embora e não viram a gente, mas eu acho que os nossos vestígios eu tenho certeza de que viram no outro dia.

Antenor Vaz: Eu me lembro perfeitamente que ele vinha com a mulher atrás e o cara na frente e ele parava no corte do facão e examinava, ele não chegou a nos ver; ele não nos viu nem nos sentiu, o cheiro nem som nenhum, mas viram nossos vestígios.

Altair Algayer: Aquele filmezinho daqueles 4 lá⁹, eles também não nos viram e como a gente já sabia que a gente estava indo de encontro naquele dia que a gente viu os quatro, a gente tinha parado a expedição um dia antes e a gente três dias antes chegou no tapiri que eles tinham abandonado com uns dez dias, eles tinham ido para aquele canto, a gente recuou e foi para um outro caminho que nós vimos que estava batido, a gente viu que

9 Altair refere-se a um vídeo que ele fez, no qual filmou 4 indígenas isolados.

o grupo de lá veio e se juntou com esse e tinha dois grupos para lá, eu disse, nesse espigão aqui que está indo lá para o afluyente do Baía Rica, os dois grupos foram para lá, vão passar o verão lá, aí um dia antes, quando a gente retornou, eu disse, ah, vamos embora, não tem mais o que fazer, a gente sabe que eles passaram aqui a chuva, já estão para lá, só que aí choveu bastante e o menino deu uma deslocada no joelho e molhou todas as coisas dele, foi em 2012, eram os servidores novos que tinham chegado, não amarraram direito os sacos na rede, molhou tudo, no outro dia, aquele dia de friagem da Amazônia que fica tudo nublado e aquele sereno, aquele vento, eu disse, vamos ficar aqui, nós tínhamos comida ainda, a expedição tinha acabado antes do que a gente previa, então eu disse: “para Danilo não ficar aqui sozinho, deixamos o Michel com ele, eu, o Fábio e o Márcio Aruá, nós vamos andar naquele alto”, que nós sabíamos que o caminho tinha ido para lá para ver se a gente via alguma fumaça, algum movimento para tentar localizar porque era campo alto, era fácil de ver, e quando a gente chegou depois que eles tinham abandonado, a gente viu o caminho batido e não andamos dentro do caminho, tinha chovido um dia antes, estava molhado, eu disse: “ninguém pisa aqui dentro do caminho! Vamos andar do lado!”, a gente andava a uns 10 a 15 metros longe da trilha, era um caminho largo, sem capim, sem nada, em uma vegetação de campo com cerrado, eu dizia: “vamos andar do lado da trilha!”, a gente se aproximava, via o caminho, às vezes fazia curva, eu dizia: “olha, passa lá.”, a gente andava dentro do capim, não pisamos em nenhum momento dentro da trilha e foi a nossa sorte, porque quando a gente chegava e sentava no alto, olhava e não via nada, aí tinha uma baixada, tinha outro alto, dessa forma, a gente tinha feito umas 3, 4 vezes, parava no alto antes de descer, e para subir o outro, a gente ficava lá sentado para ver se não tinha movimento na trilha, aí paramos um tempo, “não, não tem movimento, vamos voltar?, nós vamos fazer a última descida e lá naquele alto a gente para porque dali para lá para a gente encontrar os indígenas não vai custar nada, eles estão lá na beira do mato, a uns 3 quilômetros, tenho certeza de que estão lá.”, aí descemos fora da trilha e quando a gente chegou lá embaixo de repente os indígenas estão vindo de lá para cá!, a gente não tinha visto antes, os 4 indígenas isolados já estavam lá na baixada, e aí eles passam pela gente, se a gente estivesse vindo dentro da trilha deles ali, a hora que a gente saiu fora ali, se abaixou no capim, eles iam ver a botina, iam parar e olhar, iam ver a gente, como a gente veio fora, eles passaram normal na trilha deles, e ali eles logo se dividiram e entraram no mato; então, em 2019, a gente dividiu a equipe lá dentro, o Paulo fez um

outro caminho, veio para a serra, eu fui lá dentro e aí tinha aquela coisa das divisões de grupo e quando a gente foi, levantamos uns vestígios e aí de repente não deu vestígio, de repente deu outro, e eu já falei para o Adonias¹⁰: “ó, ficou um grupo para trás aqui”, nós íamos fazer um rodeio assim e eles tinham vindo de lá para cá e esses indígenas nós vamos topar na volta, aí a gente topou dois acampamentos grandes, aquele das redes e o grupo desceu São Simão para lá, e eu dizia: “agora vamos embora, os indígenas estão para lá”; Adonias disse: “tem um grupo para trás aqui.”, quando a gente vem voltando, a gente viu a batida deles, eles vieram para a cabeceira do centro grande, aí onde está o outro grupo que saiu daquele tapiri embaixo, a gente já entendeu e tinha estrepes ali, porque ali era um caminho nosso que é a estrada velha dos madeireiros a qual eles usam como trilha também, e nós também acabamos sempre usando a trilha deles lá dentro, então tinha estrepe ali; esses indígenas para verem a gente é fácil, e nós tivemos que dormir ali perto porque só ali tinha água, no outro dia viemos embora, encontramos com a equipe do Paulo ali na pista velha, e eu disse: “Paulo, os indígenas, eu tenho certeza que se eles não nos viram, eles vão ver o nosso vestígio daqui dois ou três dias porque nós passamos num campo e vimos vestígios muito recentes que indicam que eles estão bem próximos de onde passamos e dormimos, ali na Buritirana, vamos deixar a máquina aqui neste acampamento da pista velha”; cinco dias depois que nós saímos, a máquina registrou os indígenas que passaram lá no nosso acampamento e que vieram lá do caminho de onde nós viemos, que são as únicas imagens que temos desse povo.

Antenor Vaz: Você acha que eles nos têm como uma ameaça?

Altair Algayer: Eu tenho minhas dúvidas se é uma ameaça, eu acho que não é uma ameaça assim tão forte, mas é um recado muito claro a forma como eles colocam aqueles estrepes, de que você não pode mais passar ali, de que você não deveria estar ali, tenho isso; se é uma ameaça maior, eu acho que não, não sei, pode ser que mude, gerações mudam, pensamentos mudam, então, aquele grupo de 80 já está velho.

Antenor Vaz: A gente tinha um conhecimento até um determinado momento, mas hoje já se faz muitos anos e já se tem mais conhecimento. Qual seria a diferença do que a gente tinha desse povo para agora?

10 Adonias Djeoromitxí trabalhou na FPE-GPE de 1995-99 e de 2007- atual, sertanista que possui vasto conhecimento e experiência nas TIs de atuação da FPE-GPE, atuando em diversas expedições de localização e monitoramento.

Altair Algayer: Em relação ao povo acredito que avançamos muito quanto a essa compreensão acerca da organização deles. Realmente hoje eu posso dizer que são dois grupos bem definidos, divididos pelo Rio Baía Rica ou São Simão, formando o grupo lá da Serra João Antunes, que vai lá na TI Rio Branco e é um grupo menor dividido em dois subgrupos, e o grupo do lado de cá o qual ocupa uma área maior também de região de campo, onde tínhamos a certeza de haver 4 subgrupos, mas em 2017 ficamos em dúvida se poderia haver um subgrupo a mais, por isso atualmente estamos com essa expectativa de haver 7 subgrupos.

Antenor Vaz: Quantas pessoas em média?

Altair Algayer: São subgrupos de 8 a 10 famílias cada, dá para ver quando você chega em um acampamento central, em alguns momentos a gente acha que são de 30 a 40 pessoas, mas eu já cheguei em alguns lugares que eu ficava vendo o caminho que eles foram embora, uma passada só, ia matando capim, fazendo lama dentro da estrada, que eu pensava: “não, 30 pessoas não fazem isso tudo, aqui passou umas 50 a 60 pessoas.”

Antenor Vaz: Mas de um dos subgrupos, né? E do outro subgrupo, seriam quantos mais ou menos?

Altair Algayer: A gente calcula nessa faixa de 30 a 40 pessoas, contando em média, de cada subgrupo desses. Seriam 6 subgrupos.

Antenor Vaz: *Dá 180.*

Altair Algayer: Isso numa conta a grosso modo, por baixo, mas não me surpreende, se chegar a 250 pessoas, se for contar certo mesmo, tem bastante gente. Então, a gente tem um pouco mais essa noção da organização deles ali e percebemos que essa região de campo, a alta ali, essa savana, o entorno, tem uma predominância maior de concentração de caça, de comida, estando tudo ali naquela borda daquele campo, não que eles não vão naqueles fundos, na Serra da Bundinha, que é plana, que é aquela mata densa, alta, tem ocupação, mas a gente percebe que a maior ocupação tá ali, depois que você plota tudo no mapa, tudo aparece ali, e quando você anda no mato, naqueles fundos, é possível encontrar vestígios de caça, mas quando vem subindo e quando se chega ali, na borda, uns oito quilômetros, cinco quilômetros para chegar ali na borda daquele campo, aumenta muito a presença de vestígios de caça e outros, e uma variedade maior de frutas e outras coisas, e também de mel de abelha, pega essa mata de transição de cerrado, a gente consegue identificar um pouco mais isso. As imagens de satélite hoje, que antigamente a gente não tinha, ajudam também muito a

gente, os focos de queimada, onde eles queimam, e a gente monitorando esse tempo todo percebe que eles ocupam depois da queima, então a gente tem essa ferramenta. Eu consegui mapear uma trilha, quando você pega uma imagem atualizada, agora no final da chuva, porque nas chuvas agora estão ocupando os campos, então a trilha é no limpo, e em uma imagem de satélite boa, de alta resolução, você consegue rastrear aquelas trilhas, então é uma ferramenta que agregou no nosso trabalho, no sentido de a partir disso ser possível também tirar algumas conclusões ali dentro e poder também servir como orientação numa expedição de monitoramento. O GPS também é uma ferramenta que entrou logo que surgiu, mas eu me lembro que quando entrei lá, você trabalhou sem GPS, hoje facilita muito esse equipamento para plotar as informações, desde você se orientar no mato, isso facilita muito e as imagens ajudam você também a não entrar naquelas vegetações que são de difícil acesso, evitando ter esse desgaste na expedição, e os registros das informações são precisos, pois eu não fico ali esquentando a cabeça de ir atrás de uma referência, igual a gente fazia no início, buscando uma referência, tapiri, água, a gente tinha que na época olhar a água, para que lado a água corria, se dali tinha uma referência para plotar aquele vestígio e hoje a gente não tem essa preocupação de fazer esse tipo de registro.

Antenor Vaz: E em termos de alimentação, o que vocês sabem mais hoje?

Altair Algayer: A gente tem um levantamento bom, uma relação boa do que eles comem e dá para começar a destacar algumas espécies de caça que se destacam no meio da dieta deles, frutas também a gente consegue ver nítido quais são as frutas que eles mais preferem. Isso também ajuda a entender essa ocupação, porque eles vão lá em certos períodos do ano, e é por causa dessa fruta, no caso do patuá, que eles afundam muito naquelas matas baixas, relevos mais baixos, muito atrás da fruta do patuá.

Antenor Vaz: E de cultura material? Por exemplo, onde eles pegam a taquara para fazer a flecha, o material do arco, os maricos¹¹, as palhas, a construção das casas, os cipós? Como vocês compreendem isso hoje?

Altair Algayer: Isso fica muito claro, porque ali na Massaco, aquela tabela que você começou, ela funciona até hoje, eram 36 tapiris que você tinha anotado, que eu me lembro muito bem quando você entrou, hoje nós

11 Maldi (1991). O Complexo Cultural do Marico: Sociedades Indígenas dos Rios Branco, Colorado e Mequéns, Afluentes do Médio Guaporé.

estamos nos 144, e aí já é uma lista bem maior, e em todas elas a gente coloca quais foram os materiais que utilizavam para fazer o acampamento, todos os materiais, os arcos quando são encontrados, agora a gente encontrou arcos lá na Serra João Antunes feitos de bacaba, antes era de pupunha, é uma coisa nova que eles fizeram arcos de bacaba; esses tipos de vegetação durante o percurso da expedição se você pegar um relatório, a gente já relata o ambiente onde a gente está andando mesmo se os indígenas não andaram, então por exemplo, passamos hoje e relatamos: “aqui tem muito patuá, aqui tem muito açaí, aqui tem a flecha tal”, assim, a expedição vai também relatando o ambiente onde a gente está andando ao mesmo tempo em que vamos mapeando esses recursos que os indígenas utilizam.

Antenor Vaz: Onde eles pegam a taquara para fazer a flecha?

Altair Algayer: Essa taquara que eles usam para fazer a flecha é uma taquara que tem em quase toda aquela borda daquele campo naquela mata de transição ali, gosta de serra, a gente já detalha, quando chega na serra, ela sempre está ali, então, eles têm em grande quantidade esse material. A única preocupação nossa em relação à Massaco, quando você olha a Terra Indígena Massaco, um lado a gente tem um pântano, tem suas restrições de acesso de alguma caça, a outra borda é a Terra Indígena Rio Branco a qual também tem sua pressão dos indígenas, e o resto é limitado com boi e pasto, é esse confinamento, tanto para os isolados quanto para os bichos, então, a gente fica se perguntando, de vez em quando dá um estalo assim, daqui 50 anos, como é que está essa população? Está nítido para a gente que a população aumentou, na década de 90, quando eu cheguei lá, eu me lembro de você falar aí de 120 pessoas, de 100 a 120, hoje, nós estamos falando de 180, mínimo, para mais de 200 a 250, e são só 30 anos, então daqui a 30 anos, serão 500, e a população de anta, jabuti, será que vai estar também aumentando? Então tem um pouco isso.

Antenor Vaz: E certamente eles vão se deparar com essa situação e vão reorientar os manejos.

Altair Algayer: E tem um outro fator que percebemos ano passado, o fator climático, ele mudou muito, eu fui em dezembro fazer uma expedição no Surubim, onde sempre eu encontrei alagado, eu fui preparado para andar dentro de igapó cheio de água e estava seco, quase morremos de sede.

Antenor Vaz: E você observou que eles estão botando fogo antes, né?

Altair Algayer: É, a gente percebeu que em 2020 queimou muito dentro da Reserva, foi um ano seco, um ano de fogo que eu chamo 2020. E de lá

para cá, em 2021, quando foi 20 de julho, eles já começaram a queimar, então, eu acho que eles se tocaram de queimar mais cedo, queimar menos e não botar fogo, lógico que apareceu o foco em agosto, em setembro tem, mas bem pouco; eles conseguiram preservar uma parte porque eles sempre preservavam uma parte daquele campo todo, não era queimado todo, eram só partes, então temos um fator climático que influenciou nessa queima de áreas maiores, a tendência é piorar, de se acentuar mais e trazer mais transtornos.

Antenor Vaz: Isso você falou do seu trabalho com indígenas isolados da Massaco. Tem mais trabalho com isolados fora da Massaco?

Altair Algayer: Eu tenho um trabalho com o indígena do Tanaru¹² ou indígena do Buraco. É um trabalho que começou no meio de um ato violento, quando a gente ficou sabendo que tinha indígenas isolados, a gente já trabalhava na região e nos chegou a informação de que havia um indígena lá naquele lugar. Foi um madeireiro quem falou para um rapaz da SUCAN quem também passou na fazenda e acabou falando para o Marcelo¹³ que deu o contato do madeireiro quem confirmou logo: “realmente os funcionários viram o indígena, eles chegaram a avistar o indígena”, e quando a gente chegou lá, o indígena já tinha abandonado o tapirizinho, mas ele tinha que abandonar mesmo porque tinha uma estrada a 100 metros do tapiri dele, troncos de árvore que a motosserra cortou e ele estava do outro lado, no morrinho lá, o madeireiro viu ele, foi na casa dele, ele correu e o madeireiro foi atrás e viu o tapiri com o indígena dentro do tapiri e então resolveu voltar; nós chegamos uns 15 dias depois, até a notícia chegar para a gente, até a gente ir lá, e era uma ilha de mato um ano antes quando a gente estava atrás dos Kanoé e dos Akuntsú, eu e o Marcelo tinha andado numa fazenda do lado, próxima, e a gente descartou aquela área pelo tamanho dela, uma tira de mato tão pequena, dissemos: “ali não tem indígena, tem pouco mato, fazenda tudo em volta”, e aquela coisa, de repente o indígena estava lá dentro dessa mata, e quando a gente vai atrás desse indígena que já havia abandonado a palhoça que o madeireiro tinha encontrado, a gente achou outro tapiri bem recente que ele tinha feito depois daquela saída que ele tinha feito de lá, ele dormiu ali, há uma semana mais ou menos ele já tinha

12 O Indígena do Tanaru foi encontrado morto por Altair Algayer, Neide Martins (indigenista da Funai) e Adonias Djeoromitxi, no dia 23 de agosto de 2022.

13 Marcelo dos Santos, sertanista e indigenista aposentado da Funai quem coordenou a FPE Guaporé entre os anos de 1993 a 2000, durante os primeiros anos do contato dos povos Kanoé e Akuntsú.

abandonado, a gente achou um outro que ele tinha ocupado antes de ir para lá onde o madeireiro tinha visto e começaram a aparecer vários vestígios e aí a gente se deparou com um desmatamento de motosserra enorme, de um quilômetro quadrado, sem queimar ainda, quando a gente ia em volta, tinha muito vestígio velho de quatro, cinco anos, quando a gente entrou lá dentro, a gente se deparou com a aldeia, tinha roça, milho, banana, cará, uma casa queimada, uma maloca tinha as pontas de paxiúba no chão que queimaram por cima, as que estavam enfiadas no chão indicavam o formato e tamanho da casa que havia sido incendiada, e dentro dessa área queimada que seria a casa havia um buraco, a fazenda tinha feito alguma coisa com aquele grupo ali e que ali tinha mais pessoas, pois não era uma casinha pequenininha de 2x3 m² no máximo 3x3 m² como as que havíamos visto anteriormente e lá também havia abertura de roça com plantações, estava nítido que o grupo estava em fuga e a gente ainda contava que poderia haver mais de uma pessoa.

Antenor Vaz: Mesmo sendo mais pessoas tinha apenas um buraco dentro da casa?

Altair Algayer: Sim, e o buraco dele tem esse formato padrão de 40x80 cm até 90 cm lá dentro da casa tinha um buraco de 90 cm por 2,5 m, como se pegassem vários buracos daqueles e eles foram emendando um do lado do outro e eles fizeram um só, tinha um buraco e era desse tamanho, tinha vários outros buracos em volta, havia 14 buracos em volta.

Antenor Vaz: É, era muita gente.

Altair Algayer: E o fazendeiro descobriu, não era o cara da fazenda que tirou madeira, a gente tinha passado na outra fazenda, o fazendeiro descobriu que a gente tinha descoberto o lugar, e ele começou a desmatar mais ainda em volta ali, os poucos vestígios que tinha ali ele foi tentando tirar e aquela briga toda com a justiça para interditar.

Antenor Vaz: Esse que ano era?

Altair Algayer: 1996, aproximadamente, no final do ano, e logo depois, encontrei com o indígena do buraco do Tanaru, eu, o Adonias Djeoromitxí, o Munuzinho Kanoé e tinha até um rapaz que o Vincent¹⁴ deixou lá para filmar porque ele tinha que sair para a cidade, Fausto chamava o apelido dele, nós quatro, ele estava sentado lá na frente da casa dele, aí nesse dia

14 Vincent Carelli indigenista, antropólogo e documentarista franco-brasileiro criador do projeto Video nas Aldeias.

o indígena se recusou ao contato, até ao diálogo com a gente, e era um só, a gente ficava se perguntando: “é um só mesmo? Será que tem mais?”, e a casinha era pequena, a gente já dizia: “pode ser dois, três”, mas não sabia porque era uma casinha pequena... Logo ele se mudou, ele não aceitava presente; depois a gente o encontrou de novo, era um sozinho, em 1998, a gente viu que realmente se tratava de uma só pessoa; em 98, desistimos de fazer o contato nesse segundo encontro, comigo era o segundo e eu acho que foi o dia que a gente mais perturbou aquele indígena, aquele dia que tem a foto do Vincent ali, quem estava na mira da flecha era o Vincent, o Vincent!, o indígena chegou a lançar a flecha!, o Marcelo ele não flechou, não sei por que, não sei, eu vi aquela flecha entrando no Marcelo e eu estava falando: “não, não, não (com gestos de mãos espalmadas e cruzando-as à frente na altura do busto, somente linguagem gestual, sem voz)” e o Marcelo também com as mãos, mas a flecha estava tão esticada e estava perto assim, estava esticada mesmo que a ponta até balançava de tanta força que vai soltar, e eu disse: “Marcelo, vai voltando”, e o Marcelo estava sentado no chão e com as mãos no chão foi voltando de bunda para trás assim, aí ele foi recolhendo a flecha dele e a gente passou o dia inteiro; no filme¹⁵, o Vincent até fala nisso, não era uma casa, uma estrutura muito forte que ele tinha ali, era uma coisa meio improvisada porque ele já tinha fugido dos madeireiros, os madeireiros estavam trabalhando, andava muita gente dentro da mata, era madeireiro, tinha peão ali dentro, pistoleiro, peão para acabar com os vestígios, a gente encontrava o indígena quebrava um galho para fazer o pique dele e atrás tinha gente cortando de facão e a gente achava os galhos quebrados, jogados fora, apagando os vestígios dele, então ele tinha uma casa que não deu tempo de fazer bem feito, ele estava naqueles anos ali se protegendo, então ele além de estar cuidando envolta do branco, ele ainda tinha que fazer as coisas dele ali porque estava sozinho, então era uma casa toda de palha, não tinha outra estrutura, ele até puxou um cipó, ela estava amarrada num cipó de uma árvore porque ela não tinha estrutura de varas, eram só as palhas escoradas, era uma choçazinha e um buraco lá dentro, e o Vincent pegava naquele cipó, ela balançava toda, dava para derrubar a casa em cima dele, enfim, foi ali naquele dia que a gente desistiu mesmo, o Marcelo desencucou de fazer o contato, dizendo que realmente não dava, porque eu tinha encontrado ele um pouco antes e não é que ele me criticou, ele falou: “não, vocês deviam ter ficado lá, tentado mais tempo”, porque nós ficamos duas horas, eu, Adonias, Munuzinho e Fausto um ano

15 Corumbiara de Vincent Carelli (2009). Documentário disponível no Youtube.com.

antes tentando dialogar, nós oferecemos coisas e sentamos ali, ficamos, o Munuzinho falava Aikanã, falava várias línguas e no final ele estava falando até em espanhol com o indígena, e aí o Marcelo disse: “você deviam ter ficado lá e qualquer coisa dormiam lá.”, eu disse: “eu achei que era melhor voltar.”, e nessa vez o Marcelo estava junto e naquele dia de noite, quando a gente voltou pro acampamento, ele disse: “é, realmente tem que desistir dessa história do contato, o contato aqui tem que ser forçado, se for para acontecer, e não seremos nós que vamos fazer nessas condições.”; a partir daí a gente começou naquele processo de se fazer o contato tá bom, porque a gente tinha essa ideia de ele estar sozinho, e naquele dia confirmou realmente que ele estava sozinho e que o contato ainda poderia ser bom, pensando em outros grupos ali de repente serem parentes, então começou todo o trabalho de namoro, que a gente chamava antigamente, os sertanistas falavam, a gente não se aproximava muito porque a gente sabia que a nossa presença confundia ele com a presença de outras pessoas e fomos deixando coisas, aquelas coisas foram apodrecendo no mato, ele se recusava a pegar.

Antenor Vaz: Que coisas vocês deixavam?

Altair Algayer: Ferramentas, e a gente sabia que ele tinha ferramentas, e a gente dizia: “tem que deixar outras coisas”, e ele tinha aquela roça e ele já estava há dois anos sem fazer roça, daí a gente: “ah, uma coisa que esse indígena pode pegar de repente podem ser algumas sementes de plantio, ele foi criado fazendo roça”, mas também fomos deixando e ele abandonou, só que a gente deixava de um jeito modelo antigo de fazer, pendurado lá, e nesse formato ele não pegava, até o final ali ele não pegava, então ele só aceitava alguma coisa que a gente deixava jogada lá no chão como se ele tivesse encontrado de alguém que esqueceu ou abandonou.

Antenor Vaz: Vocês deixavam sementes de quê?

Altair Algayer: Começamos a deixar semente de milho no início, batata a gente deixava muito porque é uma coisa que preserva muito, mas a batata a gente tinha que levantar um pouco ali por causa dos bichos que comem; e uma vez a gente andando no mato, escutamos ele cavando um buraco, eu disse: “tá pertinho, é o indígena e está cavando um buraco”, tentamos ver e não dava para ver direito, a gente não queria se aproximar, ficamos ali no meio daquelas abelhas e de repente a gente viu ele saindo no caminho, foi embora... ele estava fazendo a casa nova, terminando o buraco que estava bem fundo e já tinha um monte de ripas de paxiúba que ele já tinha carregado até ali, ele tinha enfiado já dois esteios e estava terminando

o buraco; naquele dia eu tinha juntado um machado e um facão que ele tinha abandonado já a uns dois anos no mato, mas tinha passado no lugar que ele estava lá jogado e fui recolhendo de volta e estava com aquilo, eu disse: “vou deixar essa coisa aqui.”, aí João, um seringueiro, disse: “se você deixar aqui, ele não vai voltar mais.”, eu disse: “mas nós não fizemos nada para ele aqui, não tem vestígio de nada.”, deixei lá, passou 15 dias eu voltei lá, ele estava morando na casa, ele aceitou o machado e o facão e não fugiu, aí eu vi onde ele tinha ido embora, no dia que ele fez a casa, aquele caminho que naquele dia que ele estava cavando e foi embora, ele foi para a casa dele, na cabeceira do Tanaru, fomos para lá e achamos a casa dele; então naquele dia eu tinha levado várias sementes e ele estava fazendo esse caminho entre a casa velha e a nova, aí deixei lá milho, batata, amendoim semente de mamão, acabava levando uma carga daquilo, larguei no chão lá e fui embora, passou um mês, nós voltamos lá e antes de chegar lá onde ele estava já achei uma derrubada no meio do mato, já estava seco, eu disse: “ele vai fazer roça”, ele começou a fazer roça, plantou aquilo tudo, teve um momento muito bom até 2003, 2004; eu saí de onde hoje é a CFPE-GPE¹⁶ em 2001. Ele chegava a ter duas roças porque ele tinha essa estratégia de ter duas casas para fugir mesmo, se alguém achasse uma, ele tinha uma outra, e quando ele ia para uma outra, ele já estava fazendo essa ou outra porque as pessoas começavam a seguir; a gente parou de ir nessas casas, a gente via que estava lá, parava, e ele começou a aceitar os presentes, mesmo ele tendo milho na roça, se eu deixava lá na beira do caminho, ele juntava e levava ferramentas, ele recusava algumas, e aí era aquela coisa que eu acho que ele não queria juntar muita coisa para não precisar carregar porque ele já tinha dois, três machados, “para que eu vou carregar mais um”, só tá ele sozinho, e panela também ele recusou, pegou uma ou duas ali e as outras ele começou a amassar, na época do Moacir, em 2003, 2004, quando chegou, ele amassou muita coisa que eles foram insistindo, um cara sozinho eles deixavam seis, sete panelas, um monte de panelas, e foi quando eles acharam que estava no momento do contato e não ocorreu, ele flechou o servidor.

Antenor Vaz: Quem foi flechado?

Altair Algayer: Foi o Túlio que estava com o Orlando, filho do Possuelo¹⁷, e com o Chiquinho; eles foram muito confiantes de que o

¹⁶ Coordenação da Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé.

¹⁷ Sydney Possuelo, sertanista, indigenista, ativista social e etnógrafo brasileiro.

indígena não estava na casa, eles não souberam fazer a leitura, observar, então eles viram a casa no meio da roça do indígena, olharam e deduziram: “não, o indígena não tá na casa.”, chegaram mais perto e o Túlio já foi direto na porta para abrir, quando ele foi para abrir o indígena estava lá dentro, aí ele flechou, então foi essa falta de conhecimento deles ao desconsiderarem a presença do indígena, e só perceberam que o indígena estava lá quando a flecha saiu e bateu no peito do Túlio, aí saiu correndo todo mundo e alguém diz: “não, não morreu não!”, mas a flecha pegou em cima da clavícula e teve sangramento interno; era 1 hora da tarde e ele só conseguiu chegar no hospital às 11 horas da noite, depois disso o indígena do Tanaru se afastou daquela região, ele mudou mais para distante, a uns 8 quilômetros, porque ele não ocupava ainda aquela região, primeiro ele mudava, mas ele sempre fazia um círculo, ele tinha uma área menor de ocupação, ele se mudou mais distante e deixou de fazer roça. Em 2006, quando eu voltei, achei lá, já não fazia roça, era o tapiri dentro do mato, a gente viu que ele comia mamão das roças velhas, ele ia nas roças velhas e pegava, mas onde ele morava, ele não fazia nada. Em 2007, deixei várias coisas, aí eu deixei também jogado, e nem jogado ele queria nem no meio do caminho, ele só deu sinal de fazer roça em final de 2013, quando a gente já tinha desistido, e dissemos: “esse cara não vai mais pegar nada da gente, não vai fazer roça...”, chegou num lugar onde ele estava, tinha uma plantação de mamão, ele foi pegar mamão das roças velhas que ainda tinha e eu acho que ele percebeu porque muitas delas já não tinha mais, estava difícil de ele achar mamão, aí eu acho que ele se tocou que tinha que plantar, então ele derrubou várias árvores em volta da casa dele e plantou esses mamões ali, mas era só mamão, aí voltei de novo, ele pegou milho, a batata, outras coisas, e começou a pegar de novo as coisas de lá para cá. Ali tinha essa roça, a mandioca ele recusou não sei porque, vários momentos deixei maniva de mandioca e ele não plantou mais.

Antenor Vaz: Não teve uma época que ele pegou uma lona?

Altair Algayer: Pegou três vezes lona, uma vez o Paulo Pereira deixou e ele pegou, outra vez ele pegou uma que o Paulo tinha deixado armada no acampamento deles e quando ele voltou dois meses depois, a lona não estava lá, depois ele pegou uma outra que o Pura Kanoé usava nesse mesmo local de acampamento e essa outra ele usava para cobrir a palhoça dele em 2009.

Antenor Vaz: E vocês viam essa lona na casa?

Altair Algayer: Vimos em 2009 aquela lona que havia sumido que o Pura havia deixado no nosso acampamento, foi naquela filmagem que ele tá cortando a árvore, ele meio que saiu às pressas ali, que os meninos filmaram, ele viu eles, era perto da casa dele, então dois dias depois eu voltei lá, ele já tinha se mudado logo no outro dia que os meninos passaram, ele não tirou a lona, ele largou a lona em cima da casa dele, era um pedaço só, ele já tinha cortado ela; ele pegava muito pouca coisa, eu acho que é porque ele era sozinho, né? Você vê quando após a morte dele ali tinha 3 ou 4 panelinhas velhas, que nós tínhamos deixado há muito tempo, um litro pet que nós deixamos, em 2014, com semente de milho, porque o milho se você deixar em espiga lá na chuva, chove e ele apodrece, ainda mais esse milho fofo dos indígenas; eu dizia: “vamos deixar dentro de uma garrafa pet.”, disseram: “ele não vai conseguir abrir.”, eu disse: “qualquer coisa ele corta”, e ele não cortou, ele conseguiu abrir porque a garrafa estava lá sem a tampinha e ele usava um tarugo de pau para fechar, mas a garrafa estava inteira e vazia; ele não tinha cuia, ele usava gomo de taboca para botar água, em um gomo daquele tinha milho torrado dentro, em outro gomo tinha milho que ele torrou, pisou no pilão e estava a farinha de milho dentro, ele guardava dentro desses gomos de taboca.

Antenor Vaz: E sobre os buracos que o indígena do Tanaru fazia, qual seria uma explicação possível por meio de sua percepção em relação a esse fato?

Altair Algayer: Essa característica dele do buraco para ter uma explicação lógica e clara, a melhor maneira seria ele falar, não dá para tirar muitas conclusões ali só de observar os buracos, ele não fazia fogo lá dentro, ele não dormia lá dentro, não era hábito de ele estar entrando e saindo ali no buraco, quando ele morreu e a gente o encontrou, a rede não estava armada em cima do buraco, mas eu vi várias vezes o tapiri que ele estava ocupando, usando, porque eu sabia que ele estava no mato, eu chegava muito próximo e em algumas vezes eu tirei fotos só pelos buraquinhos, assim as redes sempre estavam armadas por cima daquele buraco e teve uma época que ele não tinha rede, no início ele tinha dois paus com umas estacas, ele passava embira, fazia uma maca e era sobre a boca do buraco; agora, essa primeira vez que eu vi assim, foi na morte dele, a rede dele estava do lado do buraco, e a rede ele não atou naqueles dias ali não, a rede estava atada ali, fui eu que ajudei a desamarrear e pela fuligem, da fumaça, aquela rede estava atada ali há muito tempo, desde que ele fez ela.

Antenor Vaz: A rede era feita de quê?

Altair Algayer: Ele já tinha se aprimorado em técnicas, porque no início eu acho que ele não sabia fazer rede, que é uma coisa de mulher, porque ele primeiro fazia aquelas macas, com a entrecasca de embira, mas era uma bem larga, uma bem rústica, depois ele começou a fazer uma rede também de embira, mas não sovava ela, não ficava macia, depois que ela secava ali, ficava bem seca, dura e eram 7 ou 8 embiras maiores, ele trançava umas de atravessado, imitando uma rede de dormir dos indígenas, e essa última que ele tinha não era de tucum a corda, era de embira, mas ela era bem sovada e ele conseguiu tecê-la, era de duas pernas, ele fez duas cordas e a teceu; não era uma rede boa de jeito nenhum, bem rústica, pequena, mas comparada às outras, ele evoluiu bastante nesse processo de fazer a rede, e ela estava armada fora do buraco. Para mim o buraco tem uma relação espiritual, só podia ser, pelas funções ali do buraco, não consegui tirar uma outra conclusão de utilidade daquele buraco.

Antenor Vaz: É porque não foi uma invenção de quando ele estava sozinho, você viu outros acampamentos onde moravam outras pessoas e que tinham os buracos também.

Altair Algayer: Um pouco antes de a gente encontrar ele sozinho, tinha mais gente e tinha o buraco, e o pessoal falou, ele faz isso para se defender de tiro, mas a gente teve várias situações, eu já relatei duas, uma que a gente pressionou ele ali na casa, a gente não deu tiro e em nenhum momento demonstrou fazer isso, mas a gente estava tão próximo e em nenhum momento ele fez menção de pular dentro do buraco, e quando você olha mesmo o tamanho do buraco, pular ali dentro é um suicídio para quem está ali fora, porque ele fica indefeso lá dentro, ele não tem condições de jogar uma flecha lá de dentro, a não ser ficar com o facão ali e se defender de uma onça ou alguém que venha a querer pegá-lo.

Antenor Vaz: Ele fazia buraco para caça?

Altair Algayer: Tinha os buracos de caça, então cavar o chão para ele parecia uma coisa muito prática e fácil, ele fazia buraco em qualquer caminho de porco, achava que estava bom e ele cavava um buraco ali, fazia aquele tampão, botava aqueles estrepes no fundo e acabava pegando a caça.

Antenor Vaz: Vocês viam resto de caça na casa dele?

Altair Algayer: Sim, ele comia muita coisa, a única coisa que eu não sei se ele comia era anta, mas eu acho que ele evitava de matar anta, ele estando sozinho, pelo fato de a anta ser um bicho muito grande; a anta

vinha comer mamão bem pertinho da casa dele e ele protegia os pés de mamão, ele pegava lascas de paxiúba, ia no tronco do mamão, enfiava elas ali e amarrava com cipó para evitar de a anta comer o mamão, e ela vinha do lado da casa dele, ele podia matar ela, se ele quisesse, né? Mas mesmo assim anta ele não matava, ele tentava defender os pés de mamão dela; mas porco, paca, tatu, jabuti e outros tipos de caça, a gente encontrava vestígio, e aves também, mutum, nambu, arara, macaco não muito, mas uma pessoa sozinha também não precisa muito, matar um porco chega a ter comida para 8 a 10 dias.

Antenor Vaz: E quando você encontrou ele na rede morto, como é que foi isso?

Altair Algayer: Foi uma cena que eu não esperava naquele dia, a gente esperava que ele fosse morrer em algum momento, tinha essa visão e sabia que esse dia ia chegar, muitas vezes eu até pensava que a gente não ia encontrar o corpo quando isso acontecesse, e pensava, o indígena vai morrer nesse mato e a gente não vai saber nem do que ele morreu, como que foi e até nem encontrar o corpo, dependendo do lugar podia ser um acidente de cobra, ele podia cair; ele subia em árvores, a gente via uns girais que ele subia, ele fazia uns girais altos para cortar as árvores lá em cima sujeito a cair de lá, machucar e com ele sozinho complicava, então a gente ficava fazendo essas conjecturas, esse indígena dependendo de onde for morrer, passam uns 4 meses, os vestígios se acabam, os bichos vão comendo os restos, espalha osso, dependendo do lugar, a gente vai ter uma dificuldade em encontrar; e naquele dia, encontrar ele ali na casa é triste, a gente não queria, mas, assim, para mim, foi o melhor lugar que ele escolheu, o lugar dele, onde ele construiu, então tenho comigo que até a morte ele planejou, ele fez do jeito que ele queria.

Antenor Vaz: Ele estava com aquele negócio na cabeça que ele andava com um rabo atrás?

Altair Algayer: Ele andava com aquele chapéu que a gente várias vezes tinha visto ele no mato que eu tinha uma dificuldade de identificar o que era, mas ele era feito desses sacos de rafia que põe a ração de boi e que é trançado, só que não sei se ele passou alguma coisa e escureceu porque é branco o saco, então ele deve ter feito uma pintura e juntando com sujeira, com fuligem de fumaça, ele ficava escuro, e ele amarrou na frente, ele fez uma capa, e aquilo ficou meio duro, eu não analisei direito porque é um material que veio com o corpo, a gente não podia pegar lá, mas vendo assim,

ele criou um capacete na cabeça, ele estava com ele, e tinha um colar que eu nunca tinha visto, um colar de sementes de uma planta que também a gente não conseguiu analisar certo de que tipo de planta e um feixe de penas de arara, a maioria era de arara azul, amarela, vermelha e estavam amarrados, não era um cocar, mas estavam feixinhos, todas elas estavam amarradas uma atrás da outra, um negócio desse preso no pescoço e esse negócio do buriti nas costas não era de buriti porque o buriti ficou fora, dentro da Terra Indígena Tanaru não tem buriti, onde eles moravam antes e mais à direita já você vê ainda dentro das fazendas encontra-se buriti, mas lá dentro do mato da TI, a gente já não encontrava mais, eu acho que foi uma das coisas que ele perdeu e improvisou com embira, porque era marrom, não era aquele pacote maior, o de buriti era maior, e dentro desse cordão estavam as penas que era uma coisa que também nunca vi nele, só naquele dia que ele morreu ali.

Antenor Vaz: Foi feita perícia, né? A qual conclusão se chegou?

Altair Algayer: Sim. Não chegou naquela conclusão exata, sempre têm aquelas porcentagens e não chega a ser conclusiva, assim, ficou bem claro de que a morte não foi violenta e foi sem trauma, então a perícia constatou que não houve nenhum trauma ou uma ação de fora, violência antes da morte, ele estava perfeito, nenhuma fratura antiga tinha, nunca teve uma fratura ou alguma coisa em algum membro do corpo dele, a questão na hipótese que a gente tinha de repente ele ter preparado um veneno ou um produto que ele estava se sentindo mal e fez para tomar e acelerar o processo, e não se chegou a essa conclusão, uma porque para esse tipo de exame não se têm meios laboratoriais e científicos desenvolvidos ainda para saber ao certo, pois se teria que pesquisar toda a flora e fauna da região para ver quais são os produtos tóxicos ali existentes e ninguém conhece com total domínio para fazer comparação se haveria ou não determinada substância no local porque trata-se de produto natural, mas, assim, ter um veneno externo, ser envenenado por um produto químico, também não foi constatado nada, e o produto natural, um tóxico natural, não tem banco de dados para comparar se ele fez uso.

Antenor Vaz: E eles conseguiram datar a morte?

Altair Algayer: Ainda tem um laudo para ser entregue que é esse antropológico que pode trazer mais dados sobre isso. Ele foi encontrado morto por mim, pela Neide Martins¹⁸ e pelo Adonias Djeoromitxí, no dia 23

18 Neide Martins, indigenista da Funai desde 1977.

de agosto de 2022, em uma expedição de monitoramento de rotina, assim, para isso não sei identificar essa natureza de vestígio, mas eu calculava uns 30 a 40 dias que ele estava morto.

Antenor Vaz: Porque a Frente Guaporé, a grosso modo, a gente pode dizer que teve dois momentos e um terceiro; o primeiro momento foi quando estava eu e o Assis que eu fiquei lá um período, eu saí, entrou o Marcelo, o Marcelo saiu e entrou o Altair. No momento que eu estava o foco foi absolutamente os indígenas isolados da Massaco, nós fizemos várias outras expedições por conta de outros registros de isolados em Rondônia, mas era uma estratégia nossa que eu tinha, porque a gente tinha condições de trabalho muito difíceis, principalmente material, e quando aparecia a necessidade de fazer um trabalho fora da Massaco, eu dizia, eu vou, mas eu estou precisando de um motor, eu vou, mas eu estou precisando de um barco, eu vou, mas eu estou precisando de munição, e era meio que uma troca. Já com o Marcelo, quando eu saí, ele deu prioridade a outras coisas, o foco não era só a Massaco, nesse período o Altair trabalhou com o Marcelo, foi aí que houve essas expedições para outros registros, um deles foi o do Tanaru, porque apareceu essa informação concreta, e o outro foi esse que você vai falar agora.

Altair Algayer: Na saída do Marcelo para a minha também tem um vácuo no meio porque o Marcelo saiu e eu fiquei, era para eu ser o coordenador e no final eu não fui, então o Pedro assumiu um tempo como interino, depois veio o Moacir, depois que eu fui assumir em 2006 quando foi o meu período de fato.

Antenor Vaz: Quanto tempo foi isso, entre Pedro e Moacir?

Altair Algayer: Eu saí em 2001, o Marcelo saiu no final de 2000, era para eu ser nomeado, eu cheguei a ser nomeado, 13 dias depois eu fui exonerado, eu estava tocando como interino, aí ficou o Pedro porque ele tinha assumido o meu DAS que era lá do Omerê, eu saí e fui fazer trabalho no Javari e na Frente Madeirinha no Noroeste do Mato Grosso, Sudoeste do Amazonas e Sul do Pará, e em seguida fui para Minas Gerais trabalhar com os Maxakali, entre 2001 e 2003 foi o Pedro e depois o Moacir até 2006, quando eu voltei para a Frente Guaporé e a encontrei em uma outra conjuntura da que o Marcelo e eu tínhamos deixado em 2000, durante esses 6 anos criou-se um vácuo de registros oficiais das atividades realizadas, tendo ocorrido essa tentativa de contato forçado com o Tanaru e na Massaco falavam em fazer contato e se organizaram para fazer a expedição com vistas ao contato, eles

não chegaram a fazer e não fizeram nenhuma expedição lá, nesse período ocorreu a construção da infraestrutura da Base Massaco e enquanto isso houve ocorrência de invasão de madeireiro e posseiro chegando a fazer construção de casa e retirada de madeira dentro da TI Massaco e também nesse período enfrentaram o processo de demarcação física da TI rio Omerê, todavia sem registros oficiais acerca dessas atividades.

Antenor Vaz: Isso na gestão do Moacir ou do Marcelo?

Altair Algayer: Do Moacir, Pedro ficou dois anos, o Moacir ficou até eu chegar em 2006. O Marcelo, quando você saiu, chegou um recurso financiado pelo Banco Mundial, tinha o Planaflo em Rondônia, dentro dele tinha um componente de indígena isolado e para se conseguir esse recurso tinha que se fazer o trabalho com todas as referências que até então era só a Massaco que estava confirmada e sendo estudada, nós tínhamos as referências no Omerê, duas dentro da TI Uru-Eu-Wau-Wau que se confirmaram logo depois nas primeiras expedições, uma delas a do rio Cautário e a outra a do rio Muquí na Serra da Onça, tínhamos referências ao norte da TI Uru-Eu-Wau-Wau onde a gente andou muito e até hoje ainda não se confirmaram as referências 46 e 45, que é o rio Candeias e o igarapé Oriente, e o Marcelo assume a Frente muito focado no estudo da referência do rio Omerê, porque ele como chefe de posto em Vilhena, em 1984/85, faz um trabalho na região do Omerê para emitir uma certidão negativa que a Funai pedia, por causa de um empreendimento na fazenda, e ele registra vestígios claros da presença de isolados, um ano depois, ele também ajuda a registrar o massacre que tinha acontecido nesse local, os vestígios que ele tinha visto um ano antes, roça, habitações estavam completamente destruídos pelos maquinários dos madeireiros que abriam esplanadas como campos de futebol, as máquinas tinham empurrado aquilo tudo para dentro do mato tentando esconder aqueles vestígios no meio dos quais também foram encontrados muitos cartuchos de armas de fogo. E no decorrer desse tempo, aparecem várias informações de peões de fazenda, alguns não falavam para a Funai, mas para algum movimento social, para um padre, não sei aonde, eles acabavam falando, e isso acabava chegando até a gente, tinha as redes por onde vinham essas informações, e eu me lembro, eu não fui na primeira expedição, em 1994, a Neidinha¹⁹ e o Samuel Cruz²⁰ vão e eles encontram uma dificuldade

19 Ivaneide B. Cardozo, também conhecida como Neidinha Suruí, indigenista e fundadora da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé com sede em Porto Velho – RO.

20 Samuel Vieira Cruz, indigenista Funai entre os anos de 1979-1999, antropólogo e atualmente Analista em Reforma Agrária, antropólogo do Inbra.

enorme para entrar no Omerê, porque foi nesse período que eles já haviam pegado os títulos do governo por quem tinha comprado aquelas terras, e eles tinham muito forte: “aqui a Funai não entra e aqui não tem indígena porque a Funai já viu uma vez e falou que não tinha.”

Antenor Vaz: Quem falou que não tinha isolado?

Altair Algayer: Essa história de falar que não tinha um povo isolado foi um relatório feito pelo Possuelo em 1986, quando o Marcelo tinha encontrado aqueles vestígios nas esplanadas abertas pelos madeireiros, não havia Frente de Proteção ainda naquele tempo, pois elas foram criadas em 1987, havia sertanistas da Funai, eram poucos, né?, e que não tinham uma área restrita de jurisdição, então o presidente da Funai determinava, e no caso em questão, o Sidney Possuelo foi nomeado para ir lá fazer uma expedição e verificar se esses indígenas ainda estavam na área do massacre que já havia sido interdita pela Funai, no relatório, ele afirma que nessa área possivelmente não haveria isolados, e explica por que não tem indígena, quilômetros e quilômetros de desmatamento, várias estradas, ele chama de um verdadeiro canteiro de obra, de movimento de gente, de maquinários, e que possivelmente esses indígenas migraram mais ao norte dessa área interdita à época, ele não errou, porque ao norte da área interdita estavam os Akuntsú que fugiram dessa área interdita, porém ocupada pelos madeireiros, e ainda ali havia o indígena isolado do buraco do Tanaru; então o Procurador em Brasília pegou esse relatório e disse: “na área interdita não tem indígena, desinterdita.”, e desinterditou em cima dessa interpretação do relatório do Possuelo; ninguém foi ao norte para ver onde ele falou, ninguém falou para ele: “volta então, vai e anda na região norte e ache esses indígenas.”, foi uma expedição só.

Antenor Vaz: Mas a pessoa que tinha que falar isso era exatamente ele.

Altair Algayer: Ele deixou de falar isso de que: “eu tenho que ficar aqui porque eu tenho que concluir esse trabalho.”, mas quando ele cria o Departamento de Índios Isolados e a Frente de Contato Guaporé em 1987, ele reconhece a referência de isolados no Omerê; porém, apesar dessa referência, a área seguia desinterdita e estava titulada nos nomes dos fazendeiros. Em 1994, a região já estava toda descaracterizada, as ilhas de mato até hoje estão daquele jeito para pior e quando a Funai bateu na porteira das fazendas em praticamente todas elas disseram: “vocês não entram aqui, ninguém entra, vocês têm autorização judicial?”, “ – Não, a gente não tem.”. Fez-se então um levantamento das fazendas que autorizavam a entrada, assim eu

fui na segunda expedição, não foi nenhuma expedição no mato, foi uma expedição nas fazendas todas ali em volta, identificando os proprietários, a propriedade, para levar o nome do fazendeiro para o juiz, para o juiz dar uma autorização de ingresso, quando a gente conseguiu a autorização de ingresso, na primeira expedição que eu e o Marcelo fizemos, já mapeando aquela ilha de mato, a gente andou acho que oito dias dentro da mata e encontramos vestígios claros da presença dos indígenas, as malocas dos Akuntsú em uso, eles tinham queimado a roça, tinha tocos queimando, eles tinham queimado há uns quatro, cinco dias, as casas estavam fechadas, eles estavam para o mato, não sei se eles perceberam a gente ou não, mas a gente depois descobriu que não, que eles não perceberam, eles viram depois que nós tínhamos passado na roça ali, tinha coisa deles lá dentro, fotografamos aquilo rapidinho, saímos de lá, a gente ainda teve problema na saída, o cara da fazenda tirou a peça do carro, não nos deixou sair, para sair nós tivemos que deixar documento na sede da fazenda e as armas lá para pegar no outro dia no escritório da fazenda em Vilhena. Passou uns dez dias, e quando a gente viu aquilo, dissemos: “os indígenas ainda estão lá, e agora, o que fazer?”, sair falando que os indígenas estavam lá era a mesma coisa que botar um alvo, os indígenas estão aqui, atira aqui, porque era um risco que a gente tinha, então tinha que voltar lá e ver como protegê-los, e a primeira ideia que apareceu era a de ir lá e fazer registros melhores, porque era eu e o Marcelo, aqueles filmes de 36 poses, acho que era um filme daquele que o Marcelo tinha tirado aquelas fotos, e eu e o Marcelo de testemunhas daquilo, foi quando o Ministério Público entrou no meio e sugeriu levar um jornalista, então veio o Vincent Carelli, convidado pelo Marcelo dos Santos, fazer um registro melhor com mais pessoas da situação lá, porque se amanhã ou depois acontecer alguma coisa lá, tem mais gente para provar que aqueles indígenas existem, então o objetivo de se fazer um melhor registro era evitar o que aconteceu em 1985/86 na mesma região. Voltamos lá e a gente percebeu que os Akuntsú tinham visto nossos vestígios porque eles tiraram tudo de dentro da maloca, pois quando estivemos lá antes, eles não estavam lá, mas tínhamos visto as flechas, milho, o tabocão, aquele pau oco de guardar flechas pendurado no telhado; e tinha um caminho muito grande, que eu e o Marcelo já tinha visto, o Marcelo falou: “vamos seguir o caminho para ver onde vai dar.”, dizíamos: “havia rastros de poucos dias.”, fizemos todos os registros daquela roça, dos rastros, das poucas coisas que havia ainda ali dentro, como a flauta, e seguindo o caminho foi quando a gente se deparou com a roça e a maloca e os Kanoé.

Antenor Vaz: Era uma mulher primeiro.

Altair Algayer: É! Quando a gente foi andando, dava mil metros, de repente deu num igarapé, do outro lado do igarapé estava já a clareira, a gente viu e disse, tem outra aldeia ali, paramos e logo em seguida a gente escutou eles conversando, dizíamos, os indígenas estão morando aqui, eles saíram de lá, vieram para cá; e os indígenas também falando alto, assim, para gente ouvir. O Marcelo queria voltar, eu disse, olha, eles estão falando alto, não estão com medo, eles notaram a gente, porque ninguém foi ali preparado para fazer o contato, fomos ali para fazer registro, aí ele diz, vamos esperar para ver a reação dos indígenas, se eles se alertam, porque eles ficaram quietos também; agora são duas coisas, ou eles saem correndo para o mato ou se aproximam, vamos esperar um pouco, mas não ficamos muito tempo ali, quando a gente olha, está descendo a Tsiramanty e o Pura. E tem a história deles: A Tsiramanty Kanoé viu a gente lá na outra roça, enquanto nós estávamos filmando a casa dos Akuntsú, ela viu a gente, a gente vinha vindo, ela vinha vindo atrás de nós, aí quando ela viu que a gente estava indo para o rumo da casa dela, uns 500 metros antes, ela saiu, entrou pelo mato, deu a volta e avisou ao Pura, porque o Pura estava sozinho lá na aldeia.

Antenor Vaz: O Vincent já começa a filmar.

Altair Algayer: É, e se aproximam, muito devagar, com aquele jeito deles, porque eles falam hoje que eles morriam de medo também, e quando hoje você pergunta: “mas por que vocês resolveram ir?”, a Tsiramanty fala: “eu fiquei vendo vocês lá na casa do Konibu, que antes vocês não queimaram a casa, vocês não entraram dentro e vocês vieram devagar, eu achei que vocês não estavam ali para fazer mal.”, foi a interpretação que ela fez da visão que ela teve da gente; e arrastaram a gente lá para a aldeia, ofereceram tudo para a gente lá, tudo não, muito mamão, e nós estávamos com fome, e nós tínhamos comida, e nós tínhamos deixado as redes próximo, era ir lá e voltar para dormir, só que ninguém queria tirar a comida ali para comer com eles ali porque não queríamos dar comida industrializada para eles, então todo mundo começou a comer mamão e eu acho que eles acharam que a gente nunca tinha comido mamão ou adorava mamão e vinha de bolo mamão, a gente ficou mais de duas horas ali, o Vincent gravou, eles falavam bastante, estavam dispostos a falar, tinha um monte de histórias e coisas, aí a gente sai, quando a gente volta de novo, a gente tinha que vir embora, a gente volta e entra dentro da fazenda mesmo, e dissemos, tem que montar

um acampamento, não dá mais para ir lá e voltar, ir e voltar, tem que ficar, isso ficou claro, a gente tem que levar uma estrutura mínima para lá e uma equipe para ficar ali o mais próximo possível; entramos na fazenda, o juiz também deu uma autorização para os fazendeiros acompanharem o nosso trabalho, o mesmo juiz que autorizou a gente entrar ele também autorizou o proprietário acompanhar o nosso trabalho, então montamos o acampamento, os peões estavam lá, legalmente, eles podiam ficar, a gente saía escondido deles, um ficava ali entretendo, a gente dizia, não, nós vamos ficar só aqui e saíamos sem que nos notassem. Quando a gente volta para as aldeias, elas estavam completamente abandonadas, mas havia vestígios de que os Kanoé e os Akuntsú iam e voltavam ali para pegar alguma coisa da roça e logo em seguida já voltavam para o mato, eles não dormiam mais nas malocas, foi quando tivemos que reiniciar um novo processo de contato (ir nas aldeias a cada três ou quatro dias deixando presentes como batata doce, amendoim, facão, alguns artefatos indígenas), eles aceitavam os presentes, mas não permaneciam no lugar para encontrar com a gente, durante esse processo de contato, os fazendeiros contrataram uma equipe de indígenas Cinta Larga com um servidor da Funai de Cacoal porque saiu na imprensa: A Funai encontra indígenas. Eles vão lá e coincidiu de no dia que eles foram, eles encontraram a Tsiramanty e a mãe dela, Tutua, quem nós não conhecíamos ainda, já os Akuntsú não, os Akuntsú tinham se afastado para mais longe.

Antenor Vaz: Como foi o contato com os Akuntsú?

Altair Algayer: Vou chegar lá. Então, de repente, chega a equipe dos Cinta Larga no nosso acampamento, antes disso eles fazem o contato com os Kanoé ali perto, obrigam a Tutua Kanoé a cozinhar o macarrão, eles tiram a foto dos indígenas isolados cozinhando e comendo macarrão, tiram uma foto dos indígenas com camiseta e com tênis que eles os obrigaram a se vestirem para dizer que aqueles indígenas não eram isolados e acusam a Funai de haver levado aqueles indígenas lá, saiu dessa forma a matéria no jornal, contestando a presença dos indígenas. Os Cinta Larga erraram o caminho na saída e foram parar no nosso acampamento, no final da tarde, e estavam trazendo a Tsiramanty Kanoé embora! Aí, por sorte, quando a Tsiramanty, quem nós tínhamos encontrado naquele primeiro contato, quando ela vê a gente, ela fica toda alegre, ela conheceu eu e o Marcelo, veio conversar com a gente, a Inês Hargreaves²¹, que fala a língua Cinta

²¹ Inês Hargreaves indigenista e linguista responsável pela coleta da primeira lista de 60 palavras dos Kanoé de RC do Omerê, fez parte da expedição coordenada por Marcelo dos Santos.

Larga, deu um esporro nos indígenas, e no meio deles ainda tinha um que estava espirrando com gripe, estava claro, a Inês dizia, ainda tem uma pessoa gripada e vocês estão andando aí, então a Tsiramanty fica com a gente, eles a estavam sequestrando, dizendo: “nós íamos levar ela para a nossa aldeia para mostrar.”, eles iam levar até para a cidade, não sei o que ia acontecer se tivessem levado a Tsiramanty embora. Então, ela dormiu essa noite no nosso acampamento porque já era o final da tarde quando ela chegou lá, no outro dia de manhã, eu estou ali perto, no nosso acampamento que era do outro lado do igarapé assim no meio do mato, eu saí um pouco em volta do acampamento, vi um barulho no mato, olhei, era a mãe dela, chorando, olhando e procurando a filha, e só via branco, ela escutou o nosso movimento no acampamento, nós estávamos em 7 ou 8 pessoas ali e ela estava com medo de chegar ali, aí eu a chamei, ela estava tremendo, e eu era a primeira vez que tinha visto a Tutua, aí quando ela viu que a Tsiramanty estava ali, as duas ficaram muito alegres, dançaram, pularam e choraram muito de emoção; enfim, ainda demoram os dias, esse vai e vem, eles não falam aonde eles dormem, aonde eles ficam, e a gente tentando e ninguém falava a língua, nós não sabíamos que língua era até então, aí foi que nessas idas e vindas ali, naquele dia, a Inês Hargreaves faz uma lista de palavras, fala com o Nilson Gabas Jr., que era do Museu Goeldi e que estava em Jiparaná, pelo rádio, passando a lista de palavras e ele diz, provavelmente seja Kanoê e também diz: “antigamente tinha os Kanoê ali, essa língua bate muitas palavras com os Kanoê.”, então ele foi lá pessoalmente, pegou umas gravações deles falando que o Vincent tinha feito e identifica como Kanoê, em seguida o Marcelo vai atrás de um intérprete; foi uma semana até chegar alguém lá de Guajará-Mirim porque tinha aquela logística de descer, vir de ônibus de Guajará até o Omerê é um dia e uma noite, chegaram e confirmaram: “sim, é Kanoê.”, foi quando chegou o Munuzinho Kanoê do antigo contato, aí tinha os quatro Kanoê de Recente Contato, isso já tinha se passado um mês depois do primeiro dia do contato com os Kanoé do Omerê, “ah, é Kanoê!”, disse: “são só vocês quatro?”, eles disseram: “só tem nós quatro.”; então comecei a questionar: “e o rastro de criança?” e quando falavam: “não, nós não temos criança.”, eu dizia: “tem criança porque lá tinha visto rastro pequeno.”, aí de repente falaram dos Akuntsú, começaram a falar baixinho entre eles, assim, e o Munuzinho dizia: “eles estão falando aí que tem os Akuntsú.”.

Antenor Vaz: Eles chamavam Akuntsú?

Altair Algayer: O nome Akuntsú é Kanoé, e o Munuzinho dizia: “é o outro, o pelado, o que é estranho, que não é deles.”, eu perguntava: “e quem são esses Akuntsú? E quantos têm?”, eles ficavam olhando um para o outro e não falavam, eles meio que, resguardando os Akuntsú, no final, como o Munuzinho demorou até para ele entender esse processo, a gente dizia: “Munuzinho tem que falar para eles porque do jeito que veio um branco com outros indígenas aqui e estava levando embora, podem ter outros e que às vezes o branco não vai levar embora, pode até matar; a gente precisa saber quem são e aonde eles estão.”, com muito custo, uma tarde inteira, até que eles concordaram, e antes a gente falou: “tudo bem, vocês não querem ir, nós vamos sozinhos.”, e eles diziam assim: “se vocês forem sozinhos, eles vão matar vocês.”, era a primeira coisa que eles diziam quando a gente falava nós vamos sozinhos atrás deles: “Não, não vai não, que eles vão matar você.”, “mas é tão brabo? Eles são muito brabos, são ruins, não emprestam.”, e aí vem aquela história deles. A gente conseguiu, no final, a sobrinha da mais velha, que era a Owaimoro, que não tinha parente ali, um vínculo, ela se ofereceu, ela falou que ia levar a gente aonde estavam os Akuntsú, aí a Tsiramanty também concordou em ir junto, a gente foi e a gente só conseguiu mesmo o contato, poderia até fazer o contato com os Akuntsú, mas naquele momento, naquela situação ali, ia demorar para a gente tentar convencer, eles estavam muito receosos com a presença do branco, mesmo com elas junto, que eles conviviam, não era muito tempo de contato, os Kanoé e os Akuntsú eram uns 4 a 5 anos que estavam juntos, mas acabavam por permanecerem em locais de certa forma distantes uns dos outros; eles tinham feito esse contato entre eles antes, mas eles tinham uma boa convivência, a Tsiramanty Kanoé teve relações com o Konibu Akuntsú, já tinha engravidado e perdido a criança, era o motivo de uma briga recente, quando a gente chegou. Eu me lembro que a gente saiu cedo, fui eu, o Munuzinho, o Vincent e as duas Kanoé, era a equipe, pegamos um caminho deles, andamos, andamos, andamos, chegou umas 3 ou 4 horas da tarde, a gente já estava cansado de andar, descendo o igarapé, chegou num determinado ponto, elas falaram para a gente não fazer muito barulho e não falar alto, elas falavam cochichando, o Munuzinho tinha que ficar bem perto para entender o que elas estavam falando, agora os Akuntsú estão aí para baixo, tem que andar devagar, não fazer muito barulho, a gente foi descendo, aí não tinha caminho mais, a gente já estava andando no mato sem caminho,

sem nada, chegou num lugar, o mato era limpo, tinha uma folha quebrada no chão, aquele tucunzinho pequeno, ele quebra, ele não dobra, ele estava no chão, aí logo na frente tinha um outro, a Owaimoro Kanoé falou: “eles passaram aqui.”; quando ela viu que eles tinham passado, a Tsiramanty lá de trás já se antecipou e já mostrou que ela sabia que eles podiam estar ali na frente, a uns 300 metros, tinha um caminho maior, mandou a gente parar, a Owaimoro Kanoé foi sozinha, logo ela voltou de lá pisando, não fazendo barulho, pisando igual onça num mato, e dizia: “eles estão dormindo ali.”. Não tinha ninguém lá e ela dizia: “não, é um tapiri, eles só estão dormindo ali, vamos se esconder, olha só, vamos se esconder, vamos fazer uma tocaia.”, e assim nós fizemos, ficamos ali, eles ficaram quietos, quando estava o Sol indo embora, a mata já estava ficando turva, a gente escutou um barulho, as Kanoé disseram: “chegaram.”, e ela falando pro Munuzinho para eu, o Vincent ficar e o Munuzinho também ficar, que ela ia na frente, as duas foram, e a hora que eles pegassem, eu usava esse termo pegar, “e a hora que nós pegarmos eles, a gente vai avisar vocês e vocês vão lá.”.

Antenor Vaz: Tem gravação dessas conversas? Tinha alguém nesse momento com gravador?

Altair Algayer: O Vincent, no meio das filmagens deles, deve ter filmado algumas partes, porque o Vincent estava com equipamento, naquele tempo tinha umas baterias enormes, ele economizava aquelas baterias, então ele não gravava tudo, porque dependendo ele ficava sem bateria, e é fita VHS as filmagens, então ele perdeu bastante material, depois ele falou: “eu perdi muito material bruto.”. Só que naquele dia entre os Akuntsú era só a Ururu e o Pupák, a velhinha e o rapaz; estava aquele converseiro lá, de repente o Munuzinho falou, estão chamando a gente, só escutava a conversa, fomos e um pouco antes nós já tínhamos discutido ali porque quando nós sentamos ali para esperar, eu abri a minha mochila, comi um biscoito e a Owaimoro Kanoé viu que eu tinha um caldeirão novo dentro da mochila, quando ela viu o caldeirão, ela começou a falar e eu disse: “o que é, Munuzinho?”, “ela está falando para você não dar esse caldeirão pros Akuntsú.”, eu disse: “eu vou dar sim, eu trouxe para eles, se eles quiserem eu vou dar, eu dei para eles também.”, a gente tinha dado para os Kanoé já; Munuzinho disse: “não, porque ela quer, esse caldeirão é para ela, ela quer para ela.”, eu disse: “não, vai ter que ser outro.”, e foi uma confusão aquele caldeirão, mas consegui

convencer que quando a gente voltasse, ia dar um caldeirão para ela, mas que aquele caldeirão era dos Akuntsú. Chegamos lá, a Tsiramanty estava com o rapaz, conversando com ele, uma conversa agitada, ele também, a Owaimoro estava com a velhinha, a hora que eu apareci, assim, que eu vi a cena, ele estava amarrando a rede dele em um pauzinho, não tinha cobertura, não tinha nada no tapiri, era só um lugar limpo, tinha um lugar de fogo deles ali, o marico dele estava no chão, ele tinha pegado, a corda estava amarrando ali a rede onde ele ficava, era uma arvorezinha fina, ele não conseguia se esconder, ele tentando se esconder atrás daquela árvore de mim, e eu fui vindo, até que parei, a Tsiramanty me chamou: “vem, vem, vem.”, e pegou a mão dele, arrastou ele para o meu lado para pegar na minha mão, foi aquele contato, aquele choque, ele muito trêmulo, assim, de medo com a nossa presença ali, nisso, estou ali com ele, e ela falando, ele falando, a velha falando, o Munuzinho falando, a Tsiramanty também, a velha, quando viu eu e o Vincent, aí eu já passei a mão do Vincent para cumprimentar o Pupák, o Munuzinho também, a velha já soltou da Owaimoro Kanoé, já estava pegando as coisas dela e entrando para dentro do mato, mas ela já de idade andava devagar, aí a Tsiramanty Kanoé foi atrás, pegou ela, trouxe para o meu lado, mas, assim, ela não olhava para mim, até que a Tsiramanty pegou a mão dela e foi quando ela olhou para mim, e parece que foi para tirar o medo dela, ela parou de tremer, se acalmou e se desarmou, mas até aquele contato físico estava muito claro que ela estava com muito medo. No meio daquela conversa, eu disse: “Munuzinho, o que estão falando?”, porque ninguém parava de falar, o Munuzinho diz: “eu não estou entendendo nada do que estão falando?”, “nem dos seus parentes?” e ele diz: “até os meus parentes estão falando errado.”, então eu disse: “é isso? Eu não entendo nada a língua deles ali.”. O rapaz começou a falar e eu disse: “ não, vamos parar.”, porque aí todo mundo se cumprimentou, aí passou aquele momento de tensão ali, e já estava escurecendo, e eu via que a Tsiramanty e a Owaimoro, por mais que não falassem a mesma língua com os Akuntsú, mas eles se entendiam com algumas coisas ali, então eu disse: “Munuzinho, fala para Tsiramanty para ela perguntar para ele ou alguém aqui, se a gente pode dormir aqui com eles, já está escurecendo, se a gente pode dormir aqui.”, e quando comecei a falar, eles ficaram quietos, o rapaz ficava olhando para mim, aí o Munuzinho traduziu para a Tsiramanty.

Imagem 2 - Ururu Akuntsú.



Foto: Ana Suelly Cabral, fevereiro/2004. Acervo Funai.

Imagem 3 - Ururu Akuntsú.



Foto: Ana Suelly Cabral, fevereiro/2004. Acervo Funai.

Imagem 4 - Pupak Akuntsú.



Foto: Ana Suelly Cabral, fevereiro/2004. Acervo Funai.

Antenor Vaz: Quem é esse rapaz que você falou?

Altair Algayer: O Pupák Akuntsú. Então o Munuzinho traduziu e foi nesse momento que ele se tocou que eu não falava a língua dos outros e que o Munuzinho era o intérprete; aí a Tsiramanty falava que ela não ia dormir ali e eu disse: “não, Tsiramanty, a gente dorme aqui todo mundo junto.”, e ela discutindo com o Munuzinho que ali ela não ia dormir e depois ela concordou, mas disse: “nós temos que dormir aqui, nós vamos dormir aonde?” e eu disse fazendo o gesto e falando para que o Munuzinho pudesse traduzir: “vamos dormir todo mundo junto.”, e acho que até o Pupák chegou a entender porque eu ficava fazendo o gesto, pois a gente já estava começando a criar essa mímica, em seguida ela falou um pouco ali, o rapaz desarmou a rede dele lá, enfiou dentro do marico, botou na cabeça, falou alguma coisa para a velha lá, pegou arco e flecha e fez sinal que era para segui-lo, falou, falou, a Tsiramanty e a Owaimoro o entenderam e nos falaram em Kanoé: “ele está chamando lá na frente, lá tem um tapiri.” e o Munuzinho traduziu: “tem uma maloca ali na frente.”, eu disse: “então vamos para lá.”, o rapaz já se mandou, as Kanoé foram atrás, o Munuzinho também, mas a velhinha ficou, e naquela saída às pressas chegou uma hora que eu não via mais o pessoal da frente e também não via mais a velha para

trás, aí eu fiquei nessa indecisão, eu pensei: “e agora eu fico com a velha ou sigo com os outros?”, tentei esperar a velha para ela vir e chamar, mas ela sumiu, então eu disse: “a velha ficou para trás.”, vi que os outros esperaram e dei um sinal, o Vincent parou, eu alcancei ele, nessa já estávamos com a lanterna, então eu disse: “vamos andar mais devagar, vamos ficar mais juntos, estamos num desespero, vamos nos organizar.”, porque só estava eu, o Vincent e o Munuzinho, então os indígenas pararam e quando eles viram que nós estávamos com a lanterna, eles pararam mesmo, o Pupák foi mais devagar, então chegamos na maloca, paramos lá de noite e a gente tentando entender, eu disse: “Vincent, você filmou a velha?”, “–Filmei”, eu disse: “não deu nem tempo de tirar foto lá, essa velha, nem sei se nós vamos ver ela ainda nesse mato aí.”, ele disse: “não, eu tenho umas imagens dela.”, eu disse: “vão ser só as fotos...quando chegarmos lá, vamos voltar e buscar a velha.”, eu tentei falar com o Munuzinho, com as Kanoé, insisti com aquilo, ninguém...as Kanoé: “não, deixa lá, deixa lá.”, eu disse: “não, vamos trazer ela!”, chamei o rapaz, fazendo sinal para ir atrás da mãe dele lá, e ele também nem ligava..., eu disse: “então deixa para lá, vou parar de insistir...”. No outro dia, cedinho, quando clareou o dia, lá vinha a velhinha!, com dois ou três maricos cheios de coisa, eram as coisas que tinham ficado no mato e que ela tinha ido buscar num tapiri lá perto! Então os dois: “quem são esses dois?” e as Kanoé tendo suas falas traduzidas por Munuzinho: “esse é o rapaz, ele mora sozinho, essa aqui é a mãe dele que cuida dele e ele cuida da mãe.”, e nós: “cadê os outros, as crianças?”, e começaram a aparecer os nomes, que tinha o Konibu, que tinha duas mulheres e duas crianças!, então eu disse: “têm mais cinco, onde que tá?”, ficava todo mundo mudo, nem as Kanoé falavam onde que estava! Ali entre eles decidiram, então eu disse: “e agora?”, e eles: “vamos voltar lá para a aldeia velha (de onde eles tinham fugido, onde eu e o Marcelo tinha feito os primeiros registros perto das malocas dos Kanoé onde eles tinham queimado a roça)”, nós vamos para lá, vamos levar a Ururu e o Pupák Akuntsú para lá.”, eu perguntei: “mas eles querem ir para lá?”, e disseram: “eles querem, já estão prontos, vamos voltar para lá.”, e o rapaz realmente arrumou as coisas dele ali, a mulher velha veio com aquela carga e foi um dia inteiro de caminhada com aquela carga, a gente ajudando a carregar, chegamos lá, dormimos, no outro dia, eles dizem: “a gente vai voltar para pegar.” e eles não deixaram a gente ir junto, falaram: “não, velho, a gente vai sozinho.” e foi o Pupák e a Owaimoro, o Pupák conversando do jeito dele, ninguém entendeu nada e a Owaimoro dizia: “ele tá falando que é para ficar aqui que ele vai buscar

e trazer o velho”; saíram cedinho, quando foi no final do dia, chegaram só as quatro, as duas mulheres e as duas meninas, que a Babawru, que tá no Omerê hoje, era uma menina, tinha uns 12 anos, e a outra, que era menor ainda, uns dois anos de diferença. Elas vieram, a Aiga, a Pugapía e as duas crianças, então perguntamos: “e o velho?”, “Ah, o velho tá no mato, ele não vai vir hoje, pode ir embora.”, mandaram a gente ir embora e disseram que não era para dormir ali, um dia nós tínhamos dormido ali, naquele dia era para ir embora, nós fomos para o nosso acampamento, que dava uns cinco quilômetros de lá, e diziam: “amanhã pode, amanhã pode voltar.”, aí chegamos no outro dia e lá está o velho lá, e o Konibu era um indígena que nesse processo de namoro, no início, com os Kanoé, que ele andava nas duas roças, que a gente não sabia a diferença das roças ali, a roça de lá era dos Akuntsú, eu tinha visto o Konibu, eu monitorando os brindes, eu fiquei lá, segui mais para frente um pouco e tinha uma outra capoeira, entre a roça e a capoeira velha, de uns três anos antes, estou andando devagarzinho na trilha, ele também me viu, ele estava atrás de um pau, eu vi o cocar dele, que eles usavam aquele cocar, assim, eu vi a pena, e aí era ele atrás do pau olhando e quando eu vi ele me espiando, eu levantei a mão e apenas com gesto o chamei: “vem cá”, ele saiu de trás do pau e deu uma encarada em mim, eu o chamei de novo e foi como que, corre, porque ele se virou, assim, num ato violento, deu para trás e saiu correndo; eu escutei ele correndo, muito longe, escutando o pé dele correndo, e tempos depois ele me contou e deu medo nele, que ele ficou com muito medo quando ele me viu e correu; depois quando eu cheguei na aldeia, ele estava sentado no meio da maloca, fazendo o rapé dele, e ele fez para mim o mesmo sinal que eu tinha feito lá, para eu chegar na maloca, ele quis nos receber e talvez por isso ele não quis chegar um dia antes. O contato dos Kanoé e dos Akuntsú foi desse jeito, em 1995, em setembro dos Kanoé e em outubro dos Akuntsú; e o indígena do buraco aparece em julho de 1996.

Antenor Vaz: Mas eles sabiam do indígena do buraco do Tanaru?

Altair Algayer: Não. Quando apareceu a história do indígena do buraco, porque quando a gente começa a andar ali e pegar aquelas informações dos fazendeiros, tinha uma informação muito precisa do indígena do buraco, que o pessoal tinha visto uns indígenas na beira do pasto e era um pouco distante das outras informações lá embaixo, a gente às vezes achava e quando surgiu a história do indígena do buraco, confirmou lá, a gente, o Munuzinho também viu, os indígenas do Mequéns também foram junto nesse primeiro momento, a gente volta pro Omerê e senta com eles lá, com

o intérprete, para saber se eles tinham alguma relação para aquela região e quando a gente mostra aonde, a primeira coisa que a gente mostra, os vestígios, a casa, eles diziam: “não sei.”, logo eles perguntam: “aonde que é?”, e quando a gente mostra o rumo para onde é, os Kanoé balançam a cabeça que eles não sabem quem é; e os Akuntsú, apesar de conhecerem uma parte lá em cima, quando a gente fala mais para lá, eles falam que não sabem quem é, e nunca se interessaram para ir lá, e depois que eles ficaram sabendo que o indígena ameaçava com flecha, as poucas esperanças que a gente tinha de levar eles se acabaram, aí que eles recusaram mesmo; os Kanoé não, o Pura, por mais que ele falasse que não tinha parente para lá e que não sabia, eles sempre se prontificavam em ir junto, eles logo foram, o Pura e a Owaimoro, e quando o Munuzinho encontra o indígena do buraco e fala Kanoé, volta de lá falando que não é Kanoé, mas o Pura quando vai e olha o tapiri e o buraco, ele diz: “não sei, não sei, Kanoé não é.”, ele já descarta, e quando o Munuzinho o encontra e não consegue se comunicar com ele, não tem um retorno, ele também já descartou essa hipótese de o indígena do buraco do Tanaru ser Kanoé.

Antenor Vaz: Então a gente viu todo o processo do contato, dos Kanoé, dos Akuntsú e do Tanaru. Como foi o processo de eles virem morar ao lado da Base? Desse contato para a situação de hoje, como é que você resume?

Altair Algayer: Vamos lá, tentar resumir porque é muita história. Fez o contato, Akuntsú uma língua do tronco linguístico Tupi-Tuparí, Kanoé de um tronco linguístico isolado, culturas completamente diferentes, eles estavam num processo de conciliação, meio que eles tinham se dividido há pouco tempo; então, a gente tinha os quatro Kanoé e os sete Akuntsú. Os quatro Kanoé como se estivessem protegendo os Akuntsú, mas, por outro lado, também, eles queriam ser os intermediários de tudo na nossa relação com os Akuntsú, os objetos que logo depois do contato normalmente vão sendo passados, utensílio, ferramenta, essas coisas, acabou assim, o que foi passado para os Akuntsú muito foi tomado de volta pelos Kanoé, a gente encontrou depois, e, como os Kanoé tiveram o contato primeiro, a gente encontrou muita coisa lá nos Akuntsú, de coisas que eles tinham lá, era coisa assim, eu dei um facão novo para o Pura, ele pegou o velho e deu para os Akuntsú, então todo o material que a gente encontrou com os Akuntsú que não era deles, que era industrial, panela e coisas do tipo, quando você perguntava de onde arrumaram aquilo, foram os Kanoé que tinham dado, tudo eram os Kanoé que tinham passado para eles; a gente queria entender essa relação que eles tinham com o branco, porque eles tinham muita

coisa dos não-indígenas (panela, garrafa de vidro, galão de plástico, foice, machado, facão, roupas velhas e usadas que eles mesmo costuraram) que reaproveitavam do lixo que encontravam nos acampamentos das fazendas e nas estradas de madeireiros e outras coisas que pegavam escondido dos acampamentos como utensílios de plástico coloridos que pegavam para fazerem colares e brincos, e um dos relatos dos Kanoé é que correram por terem pegado, e sido vistos na beira do rio Omerê, um balde de roupa que o peão da fazenda tinha deixado de molho, a gente logo entendeu que os Kanoé tinham essa audácia maior para se expor com o branco, já os Akuntsú ficavam sempre na retaguarda por terem vivenciado uma experiência mais direta do trágico massacre por parte do brancos, então eles negociavam esses materiais com os Kanoé, assim, eram dois grupos ali, um utilizando o outro, estavam em uma briga, os Akuntsú logo a gente percebeu que estavam acusando os Kanoé de que a Tsiramanty tinha matado um filho do Konibu e ela falava que não, que o filho ela tinha perdido num acidente com um pau que bateu forte na barriga dela durante uma queda caminhando no meio da mata. Nós tínhamos essa relação conflituosa entre eles e quando a gente chegou, os Kanoé meio que botaram os Akuntsú de lado e se pegaram do nosso lado, dando sinais de que não precisavam mais dos Akuntsú, pois agora tinham os brancos.

Antenor Vaz: Então, no contato, os Akuntsú continuaram na maloca deles e os Kanoé na maloca deles?

Altair Algayer: É, permaneceram, mas logo em seguida, no final do ano, os Kanoé rompem de vez; a gente já vinha assumindo que deveríamos tomar cuidado para tratar por igual, para não tomar partido. Os Kanoé logo começaram, teve o rompimento ali no final do ano, em 1996, chegaram um dia lá, nós vamos morar perto de vocês, e na nossa cabeça, quando a gente fez o contato, o Marcelo também falava, vamos evitar de trazer esses indígenas aqui na base, quanto menos eles vierem aqui vai ser melhor; mas, primeiro começou com o porco do Pura, lá na aldeia teve uma briga, o Pura veio com a rede dele, atou lá na nossa base, e lá ele ficou uns 30 dias, até a Tsiramanty matar o porco lá alegando que o porco a havia mordido, depois disso Pura voltou para a aldeia, mas a gente teve que conversar com ele, porque se fosse por ele, ele ia ficar ali. Além disso, algo que talvez possa ter influenciado nesses movimentos deles, tenha sido o fato de a gente ter tido uma dificuldade com os intérpretes dos Akuntsú, que eram os indígenas lá do Mequéns, os primeiros que a gente levou lá tinham uma dificuldade de entender e o Konibu impunha umas coisas, e dos Kanoé porque a gente não

teve tempo de prepará-los, então a primeira coisa que os intérpretes Kanoé fizeram quando chegaram: tiraram aquele monte de colar do pescoço das Kanoé de recente contato e botaram um colar com crucifixo, falando para elas que de agora em diante elas iam usar isso e que o outro era para jogar fora.

Antenor Vaz: Quem foi que massacrrou os Akuntsú e os Kanoé?

Altair Algayer: Os Akuntsú foi branco e foi tiro, eles mostram muito bem o rumo, que eles têm muito isso, apontavam nitidamente o rumo onde aconteceu o massacre, que é o mesmo rumo das roças que o Marcelo localizou em 1985, hoje está no meio dos pastos e plantações de soja, e sempre apontando para lá, eles sempre falaram que correram das roças e voltaram para o rumo da cabeceira do Tanaru, as conversas deles eram só isso, os brancos só vêm atrás de nós, dão tiro, eles mostravam as marcas de chumbo no corpo, e que eles estavam vivos porque eles correram muito, fugiram, se não tinham morrido. Os Kanoé já não têm esse relato muito vivo de morte, só relatam que três homens desapareceram, que saíram da aldeia e não voltaram mais, eles foram atrás, procuraram muito esses homens e não os acharam e quando eles começaram a andar mais longe, eles começaram a encontrar vestígios dos brancos, picadas, derrubadas e começaram a escutar barulho de motosserra, e eles tinham um relato muito recente, e depois conversando naquela história do Pura, da perda de pessoas, duas mulheres e um menino que tinham sido envenenados, isso estava muito vivo na cabeça deles, tanto é que na primeira diarreia que o Pura pegou logo depois, deu a diarreia no Pura, e uma diarreia brava, tomou remédio, não parava, tinha que botar soro, e a aldeia toda chorando, eles entraram numa depressão de choro, e eles falavam: “isso não vai passar, ele vai morrer e nós também vamos morrer.”, porque na cabeça deles eles ainda estavam envenenados, porque as duas mulheres e o menino que morreram, morreram com diarreia causada por um envenenamento que não se sabe ao certo se proposital ou acidental.

Antenor Vaz: Havia quantos Akuntsú contatados em 1995 no Omerê?

Altair Algayer: Eram sete. Em 2000, teve o acidente da árvore, caiu em cima das três malocas dos Akuntsú, e morre a mais nova e o Konibu quebra a perna; em 2009 faleceu a mais velha, Ururu, por falência múltipla dos órgãos; em 2016 ocorre a morte do Konibu por obstrução intestinal causada por uma hérnia; em 2017 ocorre a morte do Pupák pelos Kanoé. Hoje existem três mulheres Akuntsú.

Imagem 5 - Konibu Akuntsú.

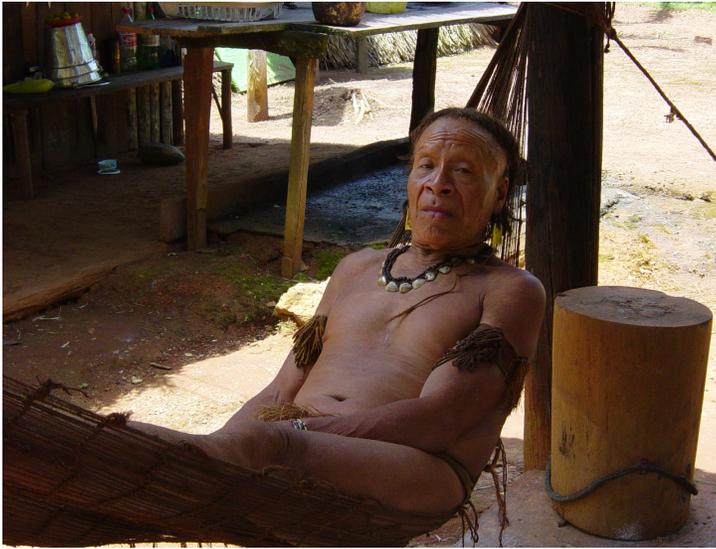


Foto: Ana Suelly Cabral, fevereiro/2004. Acervo Funai.

Imagem 6 - Pogapia Akuntsú, Aiga Akuntsú e Babawru Akuntsú (da esquerda para a direita).



Foto: Ana Suelly Cabral, fevereiro/2004. Acervo Funai.

Antenor Vaz: Havia sete Akuntsú, mas antes quantos foram assassinados?

Altair Algayer: Não se tem um número exato, nós chegamos depois aos nomes das pessoas com graus de parentesco direto em relação aos sobreviventes, eu e a linguista Carolina Aragón²² fizemos um mapa, nós conversando com eles em busca das relações de parentesco, mas há muitos que se perdem, há os que não têm relação com eles e talvez os de antes desse tempo.

Antenor Vaz: Como foi o acidente da perna do Konibu?

Altair Algayer: Quando a árvore caiu em cima das malocas dos Akuntsú, um galho da árvore atingiu a perna dele e ele ficou preso embaixo do galho, dois dias depois chegaram a enfermeira e o colaborador da Base Adonias Djeoromitxí, mas sem poderem fazer muita coisa, pois Konibu encontrava-se na rede com o fêmur quebrado e Adonias retorna e chama reforço para poder tirar o Konibu de lá, que estava a 12 quilômetros da Base. A gente carregou ele na rede até a Base durante umas 6 horas de caminhada, sendo acompanhados por todos os Akuntsú, quando eles viram que nós estávamos arrumando a Toyota para colocar o Konibu, os Akuntsú se tocaram de que a gente ia levar o velho embora, na cabeça deles estava que a gente ia cuidar dele ali na base e as mulheres tinham vindo uma única vez na base até aquele dia, então foi aquela falação e nós sem intérprete; e o Pupák botava a flecha no meu pescoço, gesticulando que era para deixar Konibu ali e eu tentando explicar por meio de gestos e algumas palavras em Akuntsú que o *Kwamoa* 'pajé', 'médico' estava na cidade chamando o Konibu e que o *Kwamoa* não vinha aqui e que não tinha como curar ele ali, tinha que levar; então decidiram que todos iriam juntos, eu falo: "não, o Konibu vai sozinho.", nisso, Pupák pegou suas flechas, seu marico com a rede, joga dentro da caçamba da Toyota e pula em cima dizendo que ele vai também, mas sem as mulheres, volta toda a mesma conversa com o Pupák e no fim ele concorda em ficar quando eu falo que iríamos buscar o Passaká na TI Mequéns que iria acompanhar e ficar junto com o Konibu.

Antenor Vaz: E você estava sem o intérprete nesse momento?

Altair Algayer: Sem intérprete, tudo na mímica e palavras soltas que eu sabia o que eles entendiam de português, o que eu entendia, e misturava Kanoé e Akuntsú, porque eles tinham muitas palavras do Kanoé que a gente entendia, e os Kanoé nessa hora sumiram, porque eles já estavam retraídos

22 Doutora em Linguística pela Universidade do Havá. Professora da UFPB. E-mail: carolinac.aragon@gmail.com

e brigados com os Akuntsú e por isso não dava para contar com eles naquela situação.

Antenor Vaz: Como foi o tratamento do Konibu na cidade?

Altair Algayer: Chegamos em Vilhena, fizemos o raio-x, e era um caso de cirurgia, mas em Vilhena não fazia cirurgia e o encaminhamento era para Cuiabá, era Funasa na época, tinha que pegar um avião e não tinha voo comercial de Vilhena, mas apenas táxis aéreos e os órgãos públicos não tinham recursos para isso e enquanto o Marcelo negociava com a Funasa o deslocamento do Konibu, eu fui até à TI Mequéns de madrugada e cheguei de noite com o Passaká; em Vilhena, o Konibu só chorando e querendo ir embora e nada ainda tinha sido feito com ele, até o terceiro dia não tinha avião e ele foi levado de ambulância por volta das 22h pelos 750 quilômetros até Cuiabá com o Passaká e a técnica e eu fui de ônibus no outro dia cedo porque não havia espaço na ambulância; em Cuiabá, ele foi encaminhado para o pronto-socorro e lá eram péssimas as condições de atendimento e lotação, onde as ambulâncias param, desce todo mundo, tem uma sala do lado de observação onde o médico dá as primeiras costuradas e põe ali e ali você fica até que o médico encaminha para internação, quando eu cheguei lá, que ele me viu, ele logo já quase desceu da maca para ir embora, chorando, e o Passaká dizia, ele está chorando desde ontem, ele quer ir embora e o Konibu falava, eu quero morrer lá no Omerê, não quero morrer aqui, eu quero beber a água do Omerê e ele parou de tomar água do hospital e não queria comer mais nada e eu chegava com a garrafa e dizia que era água do Omerê, pois era o único jeito de ele beber água; então fomos em busca da assistente social do hospital e não tinha vaga para interná-lo em um quarto, cada hora era um médico diferente e não havia um atendimento humanizado e apropriado, então, o nosso *Kwamoa*, o 'pajé', era completamente diferente da visão que ele tinha de um curador, e no meio disso apareceu um quadro de infecção pulmonar e mais antibiótico, acho que ficou uns três dias desse jeito sem vaga para interná-lo, foi quando o Marcelo conseguiu com a Funasa contratar um hospital particular, então melhorou, porque ele já ficou num quarto sozinho e era um mesmo médico que acompanhou o tratamento do início ao fim, o osso tinha quebrado em cima, e como ele ficou com a perna encolhida, tinha que fazer aquela tensão da perna com o peso de cinco quilos puxando para esticar de novo a perna para o osso voltar ao lugar e também não podia fazer cirurgia por causa da infecção da garganta e pulmão, que ainda não tinha passado, então foram mais uns três ou quatro dias esperando para fazer a cirurgia, ele chorava o

dia inteiro, muito preocupado com as mulheres que tinham ficado sozinha e receoso com a possibilidade de Pupák matar as mulheres; eu ficava durante o dia com ele, à noite a técnica de enfermagem da Funasa, Amélia, ficava e o Passaká ficava direto com ele ali, então foi feita a cirurgia e 25 dias após termos saído da Base, voltamos com o Konibu para o Omerê, e eu tinha falado para as mulheres na hora da negociação da saída que com três dias que eu estaria de volta com o Konibu...

Antenor Vaz: E durante o tratamento do Konibu na cidade o que estava se passando com os outros Akuntsú na Base Omerê?

Altair Algayer: O Adonias ficou sozinho na base e os Akuntsú voltaram para o mato, o Pupák vinha até a Base a cada dois ou três dias, só pedindo: “cadê o Alemão, cadê o Konibu, quando que volta?”, o Adonias falava: “está bem, eles vão voltar.”, ele ia embora e vinha de novo sempre cobrando isso. Então a partir dos receios de Konibu, Marcelo pede a Adonias que vá com Pupák ver as mulheres e Pupák se nega a levar Adonias lá, o Adonias vai sozinho nas aldeias velhas e não encontra ninguém, nem o Pupák. No retorno do Konibu de avião de Cuiabá para Vilhena, o médico solicitou que ele ficasse em observação mais uns dias na CASAI de Vilhena onde havia um médico ortopedista da FUNASA, foi quando fui até o Omerê buscar Pupák para ver o Konibu e ele foi todo animado, chegando em Vilhena, conversaram, foi então que conseguimos explicar ao Pupák que o Konibu tinha que ficar ali até tirar os pontos e poder andar sentado no carro e só assim Pupák poderia em sua volta no outro dia ao Omerê explicar melhor a situação de Konibu para as mulheres e em sua volta ao Omerê, Pupák já apresentava sinais de gripe pelo contato com as pessoas da cidade na CASAI e após a saída de Pupák da CASAI, Konibu permanece receoso em relação às mulheres sozinhas com Pupák e na saída de Konibu em Cuiabá foi orientado de que ele deveria permanecer 40 dias sem pôr o pé no chão para só assim começar a andar de muleta, porém devido a todo esse contexto, após uns dez dias que Konibu estava na CASAI, o médico o liberou para voltar para a Base Omerê e no mesmo dia que Konibu chegou ao Omerê, Pupák o aguardava e em seguida foi para o mato e trouxe as mulheres que também já apresentavam sintomas de gripe, elas ficaram três meses na Base cuidando e esperando ele se recuperar até ele poder andar, quando ele conseguiu ir até a aldeia dele e foi um período também que os Kanoé começaram a fazer as pazes com eles e a Tsiramanty fazia as pajelanças a pedido de Konibu.

Antenor Vaz: Teve situações de malária na região? Morreu alguém?

Altair Algayer: Houve a morte da Tutua, Ñamõj, mãe do Pura e da Tsiramanty, e a do menino Opera, primeiro filho da Tsiramanty com o Konibu Akuntsú, essas duas mortes aparecem por causa de malária, apesar de os laudos de óbito terem indicado *causa mortis* desconhecida, mas quando eles, logo depois da morte, realizam os exames do Pura, da Tsiramanty e do Bukwa, com apenas um ano de idade, todos estavam com malária, por esse fato eu penso que a morte dos dois Kanoé foi malária.

Antenor Vaz: Eu me lembro de um relato de que a SESAI precisou levar no carrinho de mão a Kanoé. Como foi isso?

Altair Algayer: Nesse caso houve vários fatores que dificultaram o atendimento à Tutua Kanoé²³ por parte da SESAI e também da Funai, a técnica demorou para tomar uma decisão de pedido de reforço no atendimento dos Kanoé e foi tratando algo que suspeitavam ter sido causado por um tatu estragado que os Kanoé haviam comido, depois de uns dez dias sem melhora é que ela pediu ajuda e por parte da Funai só havia um servidor na Base sem veículo e com apenas uma moto velha e também não sabiam que havia uma ponte caída a 10 quilômetros antes da Base e no dia que o motorista da SESAI veio buscar a Tutua, ele se deparou com a ponte caída e não pôde chegar até a Base, tendo que voltar para a cidade sem prestar o socorro. No outro dia, combinaram de o motorista da SESAI aguardar na ponte e o colaborador da Funai levar a Tutua e o Opera, que estavam piores; assim que saiu da aldeia com a *Nhamõj*, a moto quebrou sem possibilidade de conserto e nessa hora ele pegou a carriola para levar a *Nhamõj* que estava muito fraca e não conseguia caminhar, enquanto isso a Tsiramanty com o Opera no colo e a técnica Amélia estavam indo atrás a pé, mas Tsiramanty voltou com a criança, pois também estava muito fraca dos sintomas da

23 Kanoé mais velha de seu grupo à época dos primeiros anos do contato também chamada de ñamõj ~ ñamũj por todos os servidores da Base que habituaram-se a chamá-la por esse nome, pois assim sua filha Tsiramanty e seu filho Pura a chamavam, tendo sido confundido pelo verdadeiro nome dela, até o momento em que o intérprete Munuzinho Kanoé esclareceu juntamente com o linguista Laércio Nora Bacelar e a ela em uma sessão de trabalho de campo em 2000 de que o verdadeiro nome dela era Tutua; os seguintes dados foram reanalisados à época: ña como sendo o pronome possessivo de 1.ps.'meu; minha' e [*mõj* ~ *mũj*] 'mãe', constituindo-se na língua Kanoé em dois morfemas independentes e que formam palavras não aglutinadas como na grafia atualmente adotada para ña *mũj* ~ ña *mõj* 'minha mãe' e a existência desses termos entendidos, pela intuição dos outros ouvintes próximos, como homônimos foi descartada, segundo registros de Bacelar complementados pelos relatos de Algayer.

doença; assim o colaborador e a Amélia seguiram com a Nhamõj na carriola os dez quilômetros até chegar ao carro da SESAI depois da ponte caída e com o carro seguiram para Vilhena e quando estavam chegando na cidade, Tutua veio a óbito às 23h. No terceiro dia quando retornaram com o corpo da Nhamõj para a aldeia encontraram a Tsiramanty triste e chorando, pois tinha um dia antes enterrado seu filho Opera dentro da maloca onde também eles enterraram a mãe. Em 2006, quando voltei, os Kanoé ainda moravam na mesma casa e a rede da Tsiramanty ficava sobre o local das duas sepulturas e Pura contava que ela cantava e chorava todas as noites a morte da mãe e do filho.

Imagem 7 - Tsiramanty Kanoé e seu filho Bukwa Akuntsú Kanoé aos dois anos de idade, dois anos antes das mortes de sua mãe Tutua e de seu filho mais velho Opera, ocorridas em 2006.



Foto: Ana Suelly Cabral, fevereiro/2004. Acervo Funai.

Antenor Vaz: Depois eles queimam a casa?

Altair Algayer: Geralmente queimam, mas ali não aconteceu.

Antenor Vaz: Essa casa ficava onde?

Altair Algayer: Era perto daquele poço velho do pé de Jatobá na beira do rio Omerê, hoje não existe mais essa maloca.

Antenor Vaz: Bom, e tem mais duas perguntas. E hoje, onde esses dois povos estão? Como é que eles vivem?

Altair Algayer: Hoje a partir de todos esses processos de perda,

estão as três Akuntsú sem os homens e os três Kanoé. As Akuntsú desde 2017 vieram morar ao lado da Base e em 2019 veio a Tsiramanty Kanoé, porque as Akuntsú têm a questão de terem ficado só as mulheres e também precisam tomar remédios diariamente, os Kanoé os homens vieram em 2016 para perto da Base e a Tsiramanty ficou sozinha na beira do Omerê e achamos melhor ela vir morar junto do filho e do irmão e atualmente ela também precisa dos remédios. As Akuntsú moram as três na mesma casa, os Kanoé cada um tem sua casa, os Kanoé dividem a caça entre eles e com as Akuntsú, ajudam na construção de suas casas e na das Akuntsú, bem como compartilham os alimentos de suas roças, hoje a Base Omerê é uma aldeia dos indígenas de recente contato, onde os servidores são maioria indígenas da TI Rio Branco que também ajudam muito nessas atividades dos indígenas. O Bukwa conheceu a Celita Aruá da aldeia São Luís da TI Rio Branco e que tem três filhos lá, passa pequenas temporadas na casa dele com uma relação de casamento.

Imagem 8 - Tsiramanty Kanoé mantendo o fogo para seu filho Bukwa e a esposa dele, Celita Aruá, fazerem farinha.



Foto: Letícia Aquino, TI Omerê, maio/2023. Acervo Funai.

Imagem 9 - Bukwa Akuntsú Kanoé na TI Omerê em um dia de coleta e caça, carregando um jabuti com embrulho típico na transversal.



Foto: Letícia Aquino, setembro/2022. Acervo Funai.

Imagem 10 - Pura Kanoé segurando um pedaço de flecha quebrada em uma caçada.



Foto: Letícia Aquino, TI Omerê, setembro/2022. Acervo Funai.

Antenor Vaz: E o Bukwa Kanoé foi para a TI Rio Branco?

Altair Algayer: O Bukwa já foi várias vezes para a TI Rio Branco, mas com a Celita ele foi só agora em janeiro desse ano, passou 40 dias, ajudou ela a quebrar castanha.

Antenor Vaz: E a mãe dele não se incomoda de ele ir para a TI Rio Branco?

Altair Algayer: No início ela ficava muito preocupada, vinha constantemente até à Base perguntando notícias do Bukwa, quando ele volta, mas agora com o celular, ela pede para falar com Bukwa e os servidores da Base para facilitarem a comunicação direta entre eles fazem a ligação e os dois conversam em Kanoé.

Imagem 11 - Tsiramanty Kanoé, Régis Kanoé Makurap, Bukwa Akuntsú Kanoé e sua esposa Celita Tuparí Aruá (da esquerda para a direita) a caminho da aldeia velha na TI Omerê.



Foto: Letícia Aquino, dezembro/2021. Acervo Funai.

Antenor Vaz: Haveria milhões de perguntas mais para a gente, mas podemos finalizar por ora com essa: quais são os dilemas de trabalhar com povos isolados e de recente contato?

Altair Algayer: São muitos, o pós-contato é o mais difícil, passamos por muitas dificuldades em relação à comunicação mesmo quando há intérpretes,

as mímicas que surgem nas necessidades de se fazer entender um com o outro, e surgem muitos ecos de comunicação nessas tentativas necessárias para se prover os cuidados básicos como por exemplo, no momento das primeiras vacinas eu tive que tomar todas as doses repetidas para tentar convencê-los de que a vacina não faria mal, pois da outra forma, ao tentar dizer que a vacina é uma necessidade para a proteção deles, torna-se quase impossível de se fazer entender. Essa dificuldade é recíproca. Não existe no quadro de servidores da Funai o cargo de linguista e também não há projetos específicos voltados para essa formação dos servidores que atuam nas áreas, dificuldade semelhante existe em relação aos antropólogos e no caso da SESAI torna-se pior, pois os servidores são terceirizados com contratos temporários o que gera uma alta rotatividade deles nas TIs levando a uma dificuldade no estreitamento dos laços tão necessários nesse trabalho. Uma outra questão em relação a essas dificuldades vividas é a de que no início do contato os indígenas não te olham como um servidor do Estado que está ali com uma atribuição, por razões óbvias, então você precisa se integrar e neste caso principalmente pelo fato de tratar-se de um grupo bastante reduzido pelas consequências dos genocídios ocorridos; no início eu senti essa dificuldade de comunicação ao vivenciar todo esse processo.

Antenor Vaz: Todo esse relato é o relato de um servidor da Funai, e o servidor está nesse meio aí, desconfiado daqui e não tem apoio dali e faço a seguinte pergunta retórica: “Mas quem é esse servidor?”. Esse servidor é casado, tem esposa, tem filha, tem que segurar a onda da existência dele, e o Estado não está nem aí para esse servidor, o máximo que o Estado faz é depositar o salário dele na conta, mas se ele está passando por isso ou não está, ninguém quer nem saber, nem o servidor nem o indígena porque o Altair é um e são mais 10 coordenadores de Frente, que são mais 20 auxiliares, que são mais 80 temporários, e a instituição não dá conta de chegar perto do servidor. Com relação ao Omerê já está homologado, né?

Altair Algayer: Está homologado, mas não está regularizado ainda.

Antenor Vaz: Mas não pode retroceder.

Altair Algayer: Eu fiquei com muito medo com essa outra gestão quando se ouvia um discurso de políticos em fazer revisão de limites nas TIs que foram criadas depois de 2003.

Antenor Vaz: Não é Marco Temporal?

Altair Algayer: Além disso é também político.

Antenor Vaz: Que sacanagem!

Altair Algayer: Porque é direita.